

Transcri  o das Entrevistas

Entrevistadx_1

Entrevistadora: primeiro eu queria te agradecer muito pela ajuda. Pela sua disponibilidade para dar esta entrevista. Vai me ajudar muito a melhorar a entrevista. Se você achar que alguma pergunta não foi bem feita, pode avisar. Está tudo gravado, então depois eu vou aproveitar as sugestões para pôr no relatório. A primeira pergunta que eu gostaria de fazer pra você é : “você pode me dizer quais são os valores compartilhados entre os funcionários da Nave do Conhecimento da Nova Brasília”?

Entrevistadx 1: A gente preza muito pelo companheirismo, respeito, parceria. Você quer saber entre os colegas de trabalho mesmo, né?

Entrevistadora: É, entre os colegas de trabalho e entre as pessoas que frequentam a Nave do Conhecimento.

Entrevistadx 1: É respeito, parceria, equidade. Esse olhar entendendo que cada um necessita de um tipo de ajuda. Às vezes a gente vai além do que aquela criança precisa. Aqui, embora seja um espaço de tecnologia, a gente recebe muitas demandas que não são relacionadas à tecnologia, como cursos. São necessidades pessoais mesmo. A gente sempre tem esse olhar humano, né? A gente tem um atendimento humanizado aqui na Nave. humanizado é a melhor palavra para atender tudo, sabe?

Entrevistadora: Esses valores têm relação então com o próprio contexto,né?

Entrevistadx 1: Sim. Tem relação com o contexto. Porque no dia a dia eles acabam compartilhando situações. A gente acaba sabendo de coisas da vida particular deles, então a gente sempre tem um cuidado maior para atendê-los, para conversar. Enfim..., pra lidar com as questões, né, que eles mesmos trazem. Às vezes não diretamente, mas a gente acaba sabendo das dificuldades deles. Principalmente quando tem algum tipo de operação, alguma dificuldade em casa, seja problema na família, problema financeiro... são problemas que a gente tem. Que a gente recebe todos os dias.

Entrevistadora: E você é moradora de Nova Brasília, do Complexo do Alemão ou já morou aí em algum momento?

Entrevistadx 1: Não. Eu nunca morei aqui. Inclusive antes de trabalhar aqui eu nunca tinha conhecido a Nave do Conhecimento.

Entrevistadora: Ah, que legal. Você é da onde?

Entrevistadx 1: Eu sou de um bairro aqui perto. [suprimido].

Entrevistadora: eu conheço. Eu morei no [suprimido]. É perto né?

Entrevistadx 1: Um pouquinho. Pouca coisa.

Entrevistadora: Eu não sabia. Depois eu soube que algumas pessoas que trabalham na Nave não são daí de dentro.

Entrevistadx 1: Sim. Tem gente que não é.

Entrevistadora: Você pode me contar uma situação real em que esses valores tenham ficado bem claros ou tenham surgido? Uma situação que possa contar, porque eu estou gravando.

Entrevistadx 1: Uma coisa clássica aqui, infelizmente. O jeito que as crianças se vestem. Elas estão muitas vezes com um cheiro ruim, sujas, né. Uma negligência dos pais. A criança às vezes não vai para a escola, e aí nenhum responsável aparece para resolver essa questão, sinalizar. Tem muitas crianças dessa forma. Algumas os pais aparecem. Outras não. Mas a minoria que aparecem mesmo. A maioria.... você vê que eles sofrem negligência. Pela falta de higiene você vê que elas não são assistidas em casa, na escola e o Estado né, vamos colocar assim. Porque se em casa ela não é assistida, alguém deveria estar direcionando essa criança, mas elas não são direcionadas e acaba que a gente fica diariamente convivendo com essa situação. E é complicado, porque como aqui é comunidade, a gente não tem como simplesmente denunciar, vamos dizer assim. Que tipo de denúncia a gente vai fazer? Será que eles vão vir até aqui? Aqui teve uma situação em que uma pessoa passou mal e chamamos a SAMU e a SAMU não subiu, porque aqui é área de risco. E a gente teve que levar esse jovem até a UPA. Ele é paciente do CAPS, surtou aqui, e não teve nenhum tipo de assistência. A gente que teve que se virar do jeito que a gente pôde. então, é meio complicado.

Entrevistadora: Aí você acha que esses valores do companheirismo eles surgem durante essas situações.

Entrevistadx 1: Sim. Eles surgem durante essas situações. A gente já entende. E isso é uma coisa que nem foi conversada, né. Assim, não é uma coisa conversada entre a equipe. Simplesmente a gente entende porque a gente vive e automaticamente um vai direcionando o outro. Ó, fulano não tem dinheiro pra fazer isso. Fulano tá sem roupa. Vamos juntar? Vamos fazer isso. Então sempre tem alguém fazendo algum movimento.

Entrevistadora: Isso é uma coisa que surge de vocês. Vocês pessoas, né? Das pessoas que trabalham na Nave e não como uma atitude da Prefeitura em si.

Entrevistadx 1: Isso. Não é da Prefeitura. Não é da empresa. É nossa mesmo. Sim.

Entrevistadora: É triste né. Eu vi poucos alunos com essa questão do banho, né. Alguns a gente percebe que são diferentes, mas a maioria eu vejo arrumadinhos. Uma pergunta que eu queria te fazer e que não está na entrevista é: A Nave do Conhecimento, você enxerga ela como um telecentro ou como uma instituição de tecnologia? Porque, não sei se você conhece a definição de telecentro, mas é como se fosse um espaço que pode ser usado pela comunidade, que ele dispõe de computadores e tecnologias que podem ser utilizadas. Você acha que a Nave do Conhecimento é mais do que isso? Se acha, o que seria o “a mais”?

Entrevistadx 1: Eu vejo muito como um telecentro, porque têm muitas pessoas que não têm acesso à tecnologia, então aqui acaba sendo esse lugar. Poderia ser mais. Poderia ser um

polo para receber outros tipos de atividade, dar outro tipo de assistência para a comunidade. Pelo espaço que a gente tem, a estrutura.

Entrevistadora: Essa pergunta é porque eu tive que explicar isso quando eu fiz uma apresentação em um congresso que eu fui. Eu fiquei tentando explicar o que que era, mas então percebi que eu não sabia o que que era direito.

Entrevistadx 1: É um espaço que promove tecnologia para a comunidade local, tendo em vista que muitas pessoas não têm esse acesso à tecnologia. Então aqui a gente disponibiliza WIFI, computadores, porque muita gente não tem. E cursos voltados para a tecnologia gratuitos. Sabendo também que é bem caro se a pessoa quiser fazer também determinados cursos fora. É bem complicado. Então é uma forma também de atualizar a comunidade. Ainda mais aqui no Brasil em que as coisas são um pouquinho mais atrasadas né. Então acaba que ter coisas aqui para a nossa realidade social é super avançado. Para uma pessoa que nunca teve contato com algumas coisas, aqui ela tem essa possibilidade.

Entrevistadora: Como você vê o seu papel como psicóloga trabalhando dentro da Nave do Conhecimento?

Entrevistadx 1: Nossa... eu fico muito feliz. Eu acho muito importante, porque eu tenho um olhar diferenciado. Eu sei disso, até pela minha profissão. Então eu acho que é crucial. Até para futuros projetos eu vou saber direcionar melhor. A necessidade das pessoas, fica mais fácil outros funcionários entenderem. Eu sempre estou levando eles a refletirem também: “é melhor a gente ir por esse caminho, porque fulano está assim, porque fulano precisa disso...”. “Ó...observa fulano hoje. Ele não é assim. Ele está muito estressado. Aconteceu alguma coisa. Então eu tô sempre trazendo essa reflexão. Eu acho super bacana e importante também.

Entrevistadora: Sem machucar né. Porque às vezes a gente quer ajudar ou impor as regras da instituição e acaba machucando mais ainda a pessoa que já veio ...

Entrevistadx 1: Sim. Tem crianças que.. se a criança não toma banho, não está comendo bem, ela já está sofrendo violência. Isso já é uma violência. Então, dependendo da forma como a gente fale, isso já vai ferir. Até... um exemplo: às vezes tem um passeio e para a criança ir nesse passeio tem que ir de tênis. Tem criança que fala: “eu não vou”. Ela não fala que não tem tênis, mas a gente sabe que ela não tem tênis, ou não tem casaco, por exemplo. Mas ela não fala. A gente entende. E, às vezes a gente fala: “ó, vai ter que colocar um casaco”. Até o Paulinho mesmo, já várias vezes já trouxe um casaco dele, sabendo que ia ter um passeio, para as crianças usarem. E que estaria frio e que as crianças usariam o casaco. Coisas assim, entendeu?

Entrevistadora: Você tem algum relato fotográfico de alguma situação que você tenha vivido e que esses valores na Nave tenham aparecido?

Entrevistadx 1: Foto? Posso ver. Devo ter. Se eu não tiver, o Patrick deve ter alguma coisa.

Entrevistadora: Como esses valores que você identificou na Nave afetam o planejamento e a execução das suas atividades?

Entrevistadx 1: Afeta um pouco, porque a gente tem que parar às vezes e dar atenção ao que não, teoricamente, é o nosso trabalho. A gente sempre tem que estar adaptando coisas. Sem interferir no processo de trabalho que eles exigem: o de escritório. E sem perder a sensibilidade com as crianças. Como eu dei o exemplo aí do casaco. Ah, ele vai em um passeio. Quando vai ter passeio a gente já vê se vai precisar de casaco, se vai precisar de sapato, se vai precisar de comida. Se é alguém que mora longe, os professores aqui já disponibilizaram lanche para os alunos, porque saem do trabalho e às vezes não se alimentaram direito. Então acaba que a gente tem que estar sempre pensando além. E é proposto na teoria da [suprimido].

Entrevistadora: Então isso que vocês fazem faz parte do trabalho. Não está sendo considerado ainda, mas você e muito provavelmente outras pessoas da equipe já consideram isso uma parte essencial do que vocês realizam.

Entrevistadx 1: A gente faz parte da Secretaria de Ciência e Tecnologia. Na verdade deveria ter a Secretaria de Assistência Social para ter esse movimento, para ter esse olhar com essas crianças. Para que a gente não precisasse ter. A gente tem porque a gente é ser humano, a gente sabe da necessidade. Mas a gente entende que essa não é a nossa obrigação enquanto funcionário. É a nossa obrigação enquanto ser humano.

Entrevistadora: E se não for assim também a atividade também não vai ser uma atividade que vai fluir de uma forma boa. Vai ter tensão, frio, necessidade. Interessante você falar isso, porque a minha área de pesquisa, falando brevemente, porque o meu objetivo hoje não é falar de mim, é a área de Interação Humano Computador. E a área de Interação Humano Computador pesquisa não só a interação humana direta com o computador e os artefatos computacionais e o aprendizado de tecnologia, mas também leva em consideração como esse humano tá. Ah, esse humano está sensível? Poxa, eu estou me sentindo sensível hoje. Esse humano tem um fundo bonito para mostrar quando faz uma videoconferência? Quais são as características desse humano? Qual é a cor desse humano? Quais são os preconceitos que ele já sofreu? Qual é a situação social dele? Tudo tá dentro do pacote, entendeu? É uma área muito nova, que acho que tem 25 anos no Brasil só. Então é muito jovem né. Tem praticamente a sua idade. E tem muitos trabalhos em psicologia nessa área. Então, com certeza é muito interessante ouvir você falar. Isso é uma coisa que tem muito a ver.

Eu ia perguntar como as suas decisões no seu trabalho dependem dos valores que você identificou.

Entrevistadx 1: Depende.

Entrevistadora: Assim, como eu vou fazer uma coisa. Eu não sei se você está mais na parte da tomada de decisões ou no suporte. Em que parte você trabalha mais? Você trabalha no planejamento das atividades ou você é mais na parte do suporte, quando acontece alguma coisa? Como é que você trabalha?

Entrevistadx 1: Por enquanto eu estou trabalhando com o planejamento das atividades. No planejamento de curso em específico, a gente já discutiu sobre o nosso público, né. Porque

às vezes tem propostas de cursos de tecnologias, só que o público que a gente tem às vezes não vai alcançar, porque às vezes a gente tem crianças e adolescentes aí que são analfabetos. Então como é que eles vão fazer um curso, sei lá, da Cisco? Impossível nesse momento. Então a gente tem que adaptar os cursos às necessidades das crianças. Então a gente sempre tem que fazer adaptações pra poder fazer com que esse público acesse, tenha interesse, se inscreva. Desde o nome do curso, não pode ser um nome de curso muito difícil, muito complexo. É importante sempre antes fazer uma oficina e explicar pra eles a importância. Porque, assim, o nosso público está sempre pensando nas necessidades básicas. O que que eu vou comer, o que que eu vou vestir. Esse é o pensamento da maioria. Infelizmente. Então pra eles entenderem que existe coisas mais importantes do que isso, eles deveriam estar com essas necessidades primárias supridas. Porque, se a gente não tiver essas necessidades primárias supridas, a gente não consegue seguir. Então é importante a gente estar empurrando: “não... é importante... vambora”, e as crianças: “vamos fazer curso sim”. “Ah, mas é chato, mas eu não quero”. “Não. você vai fazer!”. A gente tem que fazer esse movimento sempre.

Entrevistadora: A comida. Eu já percebi que vários eventos têm uma comidinha, um cafezinho. Faz parte disso?

Entrevistadx 1: Faz parte, porque querendo ou não acaba sendo um atrativo pra eles quando tem um lanchinho, uma comida, um café, entendeu? As pessoas se animam mais.

Entrevistadora: Pra você... você não precisa ter um conhecimento muito grande disso, mas eu queria saber, pra você, com que objetivo as Naves do Conhecimento foram feitas.

Entrevistadx 1: Eu acho. Assim, sem o conhecimento do projeto, que é muito mais pra qualificar as pessoas no mercado de trabalho. Porque como esse movimento tecnológico vem acontecendo já há algum tempo, e a grande massa trabalhadora teria dificuldade em acompanhar, e eles precisam que as pessoas trabalhem. Eles querem que as pessoas saibam que a tecnologia é importante para a economia, vamos colocar assim. Faz as pessoas terem mais acesso, consumirem mais, saberem mais sobre tecnologia, porque a gente está vivendo nesse novo mundo, em que tudo é tecnologia. Eu acho que ela foi criada mais por isso.

Entrevistadora: E para as crianças, você acha o que?

Entrevistadx 1: A mesma coisa. Na visão das crianças ou na minha visão?

Entrevistadora: Não. É porque você falou em mercado de trabalho, né. Mas também tem aquelas criancinhas menores que vão na Nave e ficam jogando

Entrevistadx 1: Pra mim é a mesma coisa. Pra mim já está preparando a criança. Futuramente ela vai estar aqui num ambiente tecnológico. Tanto que as crianças são super avançadas. Tem criança que não sabe ler e escrever aqui, mas sabe mexer em tudo no computador. Então, assim, eles estão já investindo nessa criança para que futuramente...

Entrevistadora: Parece mais fácil investir na criança. De repente é mais eficiente você ensinar desde pequenininho do que você pegar um adulto que não teve acesso a um montão de coisa e dizer “vamos ensinar agora”

Entrevistadx 1: Eu vejo a nave muito nesse intuito, porque se fosse educação, eles investiriam na escola e colocariam ali alguma coisa tecnológica num polo na escola, fariam alguma coisa. Como eles focaram muito nessa questão de tecnologia, eu vejo muito por esse lado de mercado de trabalho, de economia, de acesso.

Entrevistadora: Tem coisas em casa que eles não têm né.

Entrevistadx 1: Isso.

Entrevistadora: Se eles tivessem, de repente eles não iriam frequentar tanto a Nave. De repente até iria.. porque tem os coleguinhas também né.

Entrevistadx 1: Sim, às vezes frequentaram mais para curso. O que acontece em outras Naves. Deve ter alguma pessoa que fica o dia todo, mas não deve ser igual ao que acontece aqui. Aqui como é dentro da comunidade, então as crianças passam o dia todo aqui.

Entrevistadora: É, isso eu já percebi. Ficam o dia todão mesmo. Até de noite. É muito legal isso. O que você acha que poderia ser melhorado para que as naves do conhecimento efetivamente cumpram o objetivo que você acha que é o objetivo para o qual elas foram criadas?

Entrevistadx 1: Então, eu acho que deveria ter uma parceria entre a Secretaria de Educação, de Saúde, como eu te falei, de Assistência Social, pra que as pessoas que viesse pra cá. Crianças, enfim, um adulto, já saísse daqui com um direcionamento para outras questões da vida deles. Tendo em vista a Nave Nova Brasília e a necessidade que eles têm. Nem toda nave tem essa mesma necessidade, mas se já tiver essa parceria, a pessoa já vai sair direcionada, mais parcerias com empresas né, para a pessoa sair direcionada para o trabalho, também seria importante. Muitos jovens aqui já vieram me perguntar, por exemplo, pedindo jovem aprendiz. E aqui a gente não tem.

Entrevistadora: Infelizmente, né. Podia ter.

Entrevistadx 1: E tem a Secretaria de Juventude. Eu tentei entrar em contato com eles, só que eles não retornaram. Eu queria uma parceria com o CIEE pra ver se essas crianças gostariam de estagiar e tudo o mais, só que eu não tive retorno. Então assim, eu não tive um suporte maior para assistir à população, principalmente as crianças e adolescentes, que vêm para cá facilmente, né? Por ser um ambiente atrativo, então seria um ambiente interessante para poder manter essa criança aqui, em outras atividades importantes

Entrevistadora: Daria pra ser estagiária dos professores, né? Daria para ser estagiária de psicologia, daria pra ser estagiária da parte de administração. Daria pra fazer várias coisas né. Ser estagiária da área de tecnologia em si. Ajudar a mexer nos equipamentos. Suporte... tudo né. Tem várias coisas que dariam pra eles trabalharem. E teria essa camada

de estar ajudando os outros que estão aprendendo. E aí a interação aumentaria cada vez mais né.

Entrevistadx 1: Sim

Entrevistadora: É. Realmente é uma ótima ideia. Isso ia ser muito precioso mesmo.

Uma pergunta fora do script. Eu percebi que na atividade de sábado que a gente realizou, que as crianças saíram do computador. Porque na atividade poderia ser usado o computador ou não. A gente tinha material de papelaria pra eles usarem. Você acha que caberia na Nave, que seria importante uma sala que fosse multiuso, de repente? Acho que de repente até já tem né lá. Mas que eles pudessem trabalhar com coisas manuais assim, ao invés de ser somente uma sala de computador?

Entrevistadx 1: Sim, seria bem interessante. Embora a gente tenha que pedir permissão para fazer esse tipo de atividade. A gente tem que fazer uma atividade em que a tecnologia tem que aparecer de alguma forma, seja na impressora 3D, alguma coisa assim, entendeu? Eles não precisam ficar direto no computador, mas a gente tem que entregar alguma coisa que tenha a ver com tecnologia né.

Entrevistadora: Eu estou falando isso porque muitas vezes as atividades que nós fazemos sobre pensamento computacional são desplugadas, aí elas são fora do computador. Porque o objetivo é mais fazer o pensamento computacional, que é pensar pra resolver problemas, usando qualquer coisa que não seja o computador. Porque às vezes a gente enxerga o computador como sendo uma barreira, como eles ainda não sabem usar várias coisas. A princípio né, dependendo do que a gente vai pedir, seria uma barreira. Dependendo de outras coisas até não. Por exemplo, usando um jogo, porque jogo às vezes eles sabe melhor que nós. Mas aconteceu isso. Eles foram pro chão porque tinha mais espaço. Depois eu mando as fotos pra você. Foi maior loucura. Mas tem muito essa coisa de entregar alguma coisa relacionada à tecnologia, levando em consideração que a tecnologia é um suporte né. Só que às vezes tem aquele pensamento antes né. Quais são as atividades na Nave do Conhecimento que possuem maior procura e engajamento do público visitante? A gente já está na segunda parte tá?

Entrevistadx 1: Questão de curso é Informática Básica, Excel, que é o que o mercado de trabalho exige. E as crianças gostam muito do PC Game e X Box.

Entrevistadora: E Roblox também né?

Entrevistadx 1: Sim.

Entrevistadora: Sabe outros?

Entrevistadx 1: Minecraft... depende da faixa etária. Fifa, no X Box. Também porque eles não podem jogar o que eles querem né. A gente filtra os jogos por conta da faixa etária.

Entrevistadora: Então eles não podem jogar tudo o que eles querem? Podem jogar o que a Nave deixa.

Entrevistadx 1: Isso.

Entrevistadora: É bloqueado.

Entrevistadx 1: É bloqueado.

Entrevistadora: Ah. Bom saber. Parece óbvio né, porque eu nunca vi eles fazerem nenhuma bobagem.

Entrevistadx 1: Em outras naves não é assim. Porque em outras naves a criança só entra com o responsável. Pelo acesso, pelo onde a nave se encontra. Aqui não. As crianças vêm sozinhas, então a gente não pode ...Nosso público é infantil. Então a gente não pode liberar um GTA por exemplo, entendeu?

Entrevistadora: Quem define isso?

Entrevistadx 1: Na verdade quem sinalizou isso quando começou foi o pessoal moderador de Lan Table, [nomes anonimizados para finalidade de pesquisa], mas tinha o suporte, o [nome anonimizado para finalidade de pesquisa] quando ele vai instalar os jogos ele já vê a faixa etária.

Entrevistadora: Ah, entendi. Maravilha. Quais são as atividades que são mais constantes? São essas que têm mais engajamento?

Entrevistadx 1: São os cursos de Informática e Excel, Fotografia também é bem procurado. De marketing, Social Media, e os jogos, né. São os mais procurados.

Entrevistadora: Jogos totalmente né. Pelos adultos é mais o Excel né?

Entrevistadx 1: Isso, o Excel, Informática. Quase não vem adulto aqui pra jogar. Muito difícil.

Entrevistadora: Mas já foi?

Entrevistadx 1: Já veio, já veio. Mas geralmente eles ficam no videogame, eles não ficam muito no PC Game não.

Entrevistadora: Por um lado eu acho bom que não fiquem. Na minha geração, tinha fliperama. Aí misturava os jovens com os adultos e era uma loucura, porque aprendiam tudo o que é coisa errada. Aí o pessoal falava: "não! não deixa o seu filho ir pro fliper não, porque vai misturar lá, não sei o que..". Era a loucura dos pais, porque não podia deixar, porque era uma febre né.

Entrevistadx 1: Aqui a gente está querendo colocar, porque no engenhão e na Penha tem Fliper.

Entrevistadora: Que legal. Aí é legal. Até eu ia querer jogar também. Aliás, eu mesma queria sentar ali outro dia para jogar. Quais são as atividades que já ocorreram na nave que

você percebeu que tinham mais a ver com a cultura e as potencialidades da favela de Nova Brasília?

Entrevistadx 1: Olha, potencialidades foi um evento que teve numa época. Não sei se você chegou a conhecer o [suprimido]. O professor acompanhou uns usuários para eles criarem um jogo - programação de jogos né - e aí eles apresentaram esses jogos para um setor na prefeitura de Centro de Operações do Rio. Eles criaram um jogo. O jogo era um jogo sustentável até. Porque a pessoa retirava o lixo em volta da comunidade. Uma coisa assim. Então eu acho que foi bem legal, porque eles gostam de jogos. Eles se debruçam sobre isso. Eles leem mesmo. Eles gostam disso. Então eles têm potencial para isso. Inclusive agora a gente vai fazer uma parceria com um gamer - [suprimido], não sei se você chegou a conhecer - Ele vai fazer uma atividade...

Entrevistadora: Ele é famoso?

Entrevistadx 1: Ele é famosinho sim nesse mundo aí gamer. As crianças conhecem ele. Aí ele está fazendo um documentário né. Ele teve aqui. Gravou algumas cenas e tal e tá querendo fazer um trabalho com as crianças. Eu acho que vai ser muito importante. Ele escolheu a comunidade porque foi isso que ele falou: o gamer ele fica sentado o dia todo no computador, só que eles vão ganhar dinheiro, vão levar isso como uma profissão, ter disciplina, entender sobre esse lado dos negócios. Eu acho que vai ser super importante.

Entrevistadora: Eles já são do E-sport né, só não estão aproveitando esse potencial corretamente.

Entrevistadx 1: Não têm um direcionamento. Então, assim, vai ser muito importante pra eles, para a comunidade. A gente nunca fez um trabalho aqui para a comunidade especificamente né. Sair um pouco da Nave e fazer um movimento que contribuía com a comunidade. O trabalho é sempre muito interno e tinha as palestras né, as atividades, mas assim, sempre muito interno.

Entrevistadora: Você acha que deveria fazer coisas para fora também?

Entrevistadx 1: Sim. Eu acho que seria muito importante. Nas escolas, nas ongs, porque muitas pessoas que tem ongs vêm aqui na nave. Só que a gente não vai. Desde que eu comecei até agora a gente nunca foi a uma ong, nunca articulou com pessoas influentes no local. A gente recebe as pessoas para fazerem algo aqui, até pelo suporte que a gente tem para eles fazerem as atividades que eles querem.

[trecho da entrevista suprimido]

Entrevistadora: Quais são os tipos de atividades que você gostaria que tivesse na nave ou sente falta que haja na nave?

Entrevistadx 1: Eu acho que seria mais um suporte mesmo de outras secretarias, de outros líderes aí pra gente conseguir fluir melhor com as necessidades que as crianças têm e com os adultos. Eu acho que seria mais esse suporte. Pra gente conseguir cada vez mais colocar cursos mais avançados, que eles se insiram mais nesse mundo tecnológico de uma

forma que eles venham a gostar mesmo. Não façam só porque “ah, eu preciso de um trabalho”, então eu vou fazer informática para me livrar . “ah, eu trabalho com vendas, então eu vou fazer marketing digital porque eu vou me livrar...”. Então , cada vez colocar cursos mais avançados, que eles cada vez mais participem desse mundo tecnológico de uma forma que eles venham a gostar mesmo. Que não seja só porque precisam de um trabalho. “Então eu vou fazer informática para me livrar disso”, “então eu vou fazer marketing digital porque eu”. É sempre uma forma de escape, sabe? E não vendo a importância do conhecimento, a importância da Nave, porque, como eu disse, é sempre pensando nessas necessidades primárias... e ter uma perspectiva além, às vezes é muito cansativo pra quem não tem quase nada. então isso gera um cansaço na pessoa também. Estar sempre pensando além. Não é pra todo mundo. Lógico que tem os que vivem dificuldades extremas e conseguem ser sonhadoras e ter esperança, sabe? São super motivadas. Mas não é pra todo mundo, né. Nem todo mundo consegue fazer isso. Então ...

Entrevistadora: eu percebi isso também. Que tem uma necessidade muito grande de arrumar um emprego. E aí falta uma parte da gente. Porque eu tive isso. Eu tive aula de balé quando era criança, tive curso de inglês. É.... meus pais tiveram que equilibrar, né. Vai pra escola pública e vai fazer curso de inglês. E foi com esse equilíbrio que a gente conseguiu ter as coisas em casa né. Até certa época, que era a época em que a gente tinha mais condições ..., depois teve menos condições. Eu tive isso, mas pra quem não tem esse carinho de poder aprender um negócio. “Ah, eu quero fazer um curso de teatro”, [trecho suprimido] ... A pessoa pensa: isso daí eu não vou poder aproveitar para o mercado de trabalho. Isso é péssimo, porque mostra como é excludente, como é violento né. A pessoa tem sempre que pensar no trabalho, trabalho, trabalho, e não pode se divertir, não pode ampliar os seus horizontes. Às vezes está olhando para aquele cargo ali de auxiliar administrativo, mas se pudesse ampliar os horizontes, poderia ser um artista de não sei o que lá que ele tem um super potencial e poderia ir para o exterior. Ou não ir para o exterior. Ficar no Brasil mesmo. Ou ser uma pessoa muito famosa porque tem determinado talento, mas que nunca vai ser descoberta porque está fazendo excel.

Entrevistadx 1: Sim. Eles estão sempre pensando em coisas que de alguma forma vão trazer um retorno imediato. Porque se eles forem pensar em alguma coisa assim de sonho, eles vão sempre se espelhar em alguma pessoa que saiu da comunidade e que venceu na vida através de sucesso.

Entrevistadora: Através de música né

Entrevistadx 1: Isso. Através de música, que é o que a gente mais vê. Pessoas que saíram da comunidade e estão milionárias fazendo música. Vão se espelhando nisso. Dificilmente você vê uma pessoa que estudou, fez faculdade, sei lá, milionária e isso também não é uma coisa que é falada, que está na internet.

Entrevistadora: É que demora também a acontecer né. A música bomba! A pessoa que vai estudar leva uma vida inteira de dedicação.

Entrevistadx 1: eu vejo que eles buscam muito isso. Reconhecimento. Se sentir realmente alguém, sabe? Por isso que alguns se espelham [trecho suprimido]. Porque ele traz um certo reconhecimento, um poder... é algo mais próximo pra eles, entendeu?

Entrevistadora: Todo mundo quer isso, né. Reconhecimento. [suprimido]. Isso é uma coisa que afeta todo mundo diretamente. [suprimido]. Aí dá uma certa raiva né, porque poxa... isso é uma grande injustiça com os nossos sonhos né. Porque sonho é uma coisa muito sagrada.

Entrevistadx 1: Sim. É verdade.

Entrevistadora: Não deixa a pessoa sonhar. O tempo todo a pessoa tem que estar com o pé no chão. A pessoa tem que ter emprego, dinheiro

Entrevistadx 1: Sim.

Entrevistadora: E aí não tem os outros cursos também né. Eu tava pensando quando você estava falando... que eles sempre fazem o curso do excel. Aí não tem os outros cursos mais avançados que o Excel. Poderia ter outras coisas também. Mas eles não estão nem chegando lá né. Porque eles fazem o Excel pra conseguirem um emprego, aí vão para aquele emprego. Aí só deus sabe o que vai acontecer com eles

Entrevistadx 1: Porque eles precisam de algo que vai ser útil pra eles. Útil pra realidade deles. Útil para limitações que eles têm. Então se você pedir para ... como eu tenho adolescentes aqui que não sabem ler nem escrever. Ela não vai fazer um curso que ela tenha que ler. Por exemplo, o curso da CISCO, você tem que ler né. Muito complicado. Eles não vão ler. Eles não sabem ler.

Entrevistadora: Muito difícil né. Agora eu queria fazer outras perguntas, mas sobre habilidades da Nave dentro do cenário de datificação. O que que é datificação? Você sabe mais ou menos. A gente já até conversou sobre isso. É o mundo né, que está se tornando. A gente usa dados para tudo. Ou a gente usa porque a gente quer, ou a gente usa porque a gente é obrigado a usar. Quando usa uma rede social, quando entra com um crachá em algum lugar, quando vira uma roleta, quando compra uma coisa no mercado. Então, essas perguntas são nesse sentido. Aí eu queria fazer algumas perguntas pra você. Pode ser que você não saiba a resposta. Pode ser que você tenha a sua forma específica de dar uma resposta. O que importa é que você tenha a sua forma específica de dar a resposta. Não tem certo ou errado, tá? São perguntas mais objetivas agora.

A primeira pergunta é: pra você o que é dado?

Entrevistadx 1: Dado é tudo aquilo que a gente produz né. Acaba produzindo. Seja de conhecimento ou uma ação que a gente faça. Isso pode gerar um dado.

Entrevistadora: E pra você o que é informação?

Entrevistadx 1: Informação é todo o pensamento ou ideia que vai direcionar a gente pra solucionar ou direcionar a gente pra algum caminho. Ou solucionar um problema ou direcionar de alguma forma.

Entrevistadora: O que é literacia de dados (que é o meu objeto de estudo)? A gente fala muito, ainda fez poucas oficinas né...

Entrevistadx 1: Literacia de dados... o que eu entendi sobre literacia de dados é a interpretação dos fenômenos que acontecem e você saber interpretar esses fenômenos e transformar eles em dados. Eu entendi dessa forma.

Entrevistadora: Quais foram ou têm sido as atividades realizadas na nave do conhecimento (que você tem percebido) sobre dados? As minhas atividades e outras atividades...

Entrevistadx 1: Então... acho que excel. Excel é uma forma de você recolher dados... da cisco também...

Entrevistadora: Na Cisco o que eles faziam?

Entrevistadx 1: É de redes né. Um curso de redes. Então eles trabalham toda essa parte de como funciona uma rede ... umas coisas assim bem TI, que eu não sei muito não, mas... tem uns códigos no sistema que eles têm que saber... tem um pouco até de matemática, fórmulas e tal

Entrevistadora: Eu nunca fiz o curso da cisco não.

Como você pensa que os usuários da Nave são afetados pela falta de conhecimento e visão crítica sobre dados?

Entrevistadx 1: Eu acho que eles são afetados de diversas formas. Eles não entendem que os dados, essas informações transformadas em dados podem impactar a vida deles de uma forma positiva, tendo em vista que através desses dados eles podem melhorar as condições deles tanto aqui na nave em relação a um curso... por exemplo, uma informação que a gente tem um levantamento de dados, a gente pode direcionar melhor uma atividade. Numa escola, por exemplo, de acordo com os dados que essa escola possa ter, pode estar impactando a vida deles no sentido de suprir alguma necessidade que eles precisam. Tudo isso, entendeu? Eles não têm essa informação do que a informação pode fazer... as informações sobre eles e sobre outras pessoas podem fazer na vida deles. Eles acabam tendo uma visão um pouco às vezes individualista em relação a isso. Sem que isso seja culpa deles, mas eles não têm acesso a isso, sabe? Até a gente tem dificuldade. A gente tem o SAM aqui, que eles têm que colocar as informações deles. E às vezes eles querem colocar as informações erradas

Entrevistadora: Eles querem burlar o sistema

Entrevistadx 1: Aí a gente conversa sobre isso, que não pode colocar informação errada, por isso, por isso por isso. Em alguns casos, dependendo de onde você for colocar informação errada, isso é até um crime. Então assim, a informação correta, ela vai gerar dados importantes pra impactar a vida deles. E eles não sabem disso. Muita gente não sabe. Crianças e adultos.

Entrevistadora: Eles não têm essa visão ainda, né.

Entrevistadx 1: Não.

Entrevistadora: Mas vocês falam. Acho que é já um bom início. Essa informação eles já têm na verdade. Talvez eles ainda não tenham refletido sobre ela. De repente até refletiram só que vocês não sabem.

Entrevistadx 1: Sim.

Entrevistadora: Quais são as suas ideias, sugestões, conselhos que você poderia dar com respeito a criação de oficina sobre literacia de dados, levando em conta que a literacia em dados é a alfabetização em dados, os primeiros passos para trabalhar com dados, entender os dados de uma forma responsável e crítica.

Entrevistadx 1: Acho que a primeira coisa é explicar pra eles mesmo como é que funciona, né. Que que é isso. E colocar situações que são interessantes pra eles. Por exemplo, na comunidade: como eles poderiam obter esses dados, essas informações. Pessoas que eles gostam. Por exemplo, eles gostam muito de música, fazer algo relacionado à música. As coisas que eles gostam ou até mesmo as coisas que são aparentemente ruins... vamos supor... [comentário suprimido]. ... não negligenciar a realidade deles, entendeu? Às vezes não tirar ele daquele lugar de pensamento. Porque tem muita gente que chega aqui e fala "ah, eles não podem pensar sobre violência, não pode isso, não pode aquilo, mas eles vivem isso. Então isso é uma informação. Isso pode gerar um dado importante para eles refletirem sobre a realidade deles, entendeu? E não trazer uma coisa distante da realidade.

Entrevistadora: Você tem ideia de como seria um exemplo bom utilizando música? Eles têm as músicas favoritas deles né.

Entrevistadx 1: Sim. Eles gostam muito de trap né...Então pode ser relacionado a trap, a esses cantores que eles gostam. Tem MC Maneirinho, tem o Pose do Rodo, enfim...

Entrevistadora: Você conhece esses MCs por causa deles ou conhece fora daí?

Entrevistadx 1: Conheço mais pela internet, mas também conheço por eles, porque várias músicas tocando aqui várias e várias vezes, então eu acabo sabendo.

Entrevistadora: Você está ali o tempo todo, né. Interagindo... Eu quando vou não consigo ver determinadas nuances, porque eu vou na função de querer captar algum dado específico, resolver algum problema. Então não tenho essa coisa que é orgânica né.

Entrevistadx 1: Sim. A gente sabe as músicas. Eles cantam. Eles botam no youtube. Às vezes a gente ouve. A gente tem até que falar pra baixar um pouco o som, porque eles querem botar alto.

Entrevistadora: Colocam na sala?

Entrevistadx 1: Aqui na Lan table, dependendo do notebook o som fica altíssimo. Eles colocam no instagram, aí às vezes fica maior sonzão. Aí a gente fala: abaixa isso, e tal.

Entrevistadora: Legal que eles tenham essa liberdade

Entrevistadx_2

Entrevistadora: Quais são os valores que norteiam a nave do conhecimento de nova Brasília?

Entrevistadx: Então, o nosso valor é difundir a tecnologia entre a população mais carente, no caso o complexo do alemão. Então ela se propõe como um centro de tecnologia gratuito. então é o acesso mesmo à tecnologia da informação.

Entrevistadora: Você pode me dizer quais são os valores compartilhados entre os funcionários da nave do conhecimento de Nova Brasília?

Entrevistadx: A pessoa quando se propõe a trabalhar num projeto de tecnologia que atende a população mais carente, ela já tem ali como um valor a humanidade mesmo. A questão do desprendimento. Claro que a gente não está ali como voluntário. Todos nós trabalhamos de CLT, mas a maioria das pessoas que está nos projetos das naves, não só na Nova Brasília, eu acredito que já tenha esse valor internalizado dentro dele. É um valor compartilhado entre a gente a questão da humanidade. A questão também de aprender com o outro também. A gente está lá como uma troca de experiência. Eu aprendo todos os dias com os meus colegas de trabalho. Eu aprendo todos os dias com os usuários e com a comunidade em si.

Entrevistadora: então você chama quem usa a nave do conhecimento? De usuário?

Entrevistadx: É. usuário. usuário da nave. Porque está ali para usar a nave constantemente. Muito mais do que um aluno que vai num curso e termina esse curso. O usuário está ali constantemente. Utilizando o espaço, se apropriando dele né. Todo dia.

Entrevistadora: Você pode me contar sobre uma situação real em que esses valores tenham ficado bem claros ou surgido?

Entrevistadx: Ah, tem vários momentos em que a gente se deparou com situações do cotidiano, desde coisas mais simples, até você ajudar uma pessoa que não sabe mexer num computador. Até questões mais desafiadoras como recentemente a gente teve um usuário do CAPS com uma questão de saúde mental e ele entrou em surto ali. ele tava sem medicação por um tempo. Ele convulsionou dentro da nave. Então a equipe toda se prontificou a ajudá-lo né. A gente correu atrás dos familiares dele. Tentamos acionar a ambulância. Então é uma questão de humanidade que vai além da tecnologia. Esse valor ficou bem evidente ali quando todo mundo fez uma força-tarefa para poder ajudar esse rapaz. Fora ele, também me vem à memória uma outra jovem. [suprimido] o nome dela. Que apareceu na nave também com umas questões provavelmente de saúde mental. Mas de automutilação. Em que a gente não fez vista grossa pra ela. A gente tentou estender a mão, ajudar, entender o que estava acontecendo. E a gente tentou ajudar da melhor forma possível. Ou seja, esse é um valor que fica muito evidente. Que não é só o trabalho. “Está aqui, toma o computador, toma o equipamento”. Mas a gente se preocupa com o que as pessoas estão acessando ali. Com a questão da humanidade mesmo e de ser uma ponte de ajuda humanitária. Muito mais do que só oferecer o acesso à tecnologia a gente se

preocupa muito com isso. Eu acho que isso é um diferencial muito grande da nave de nova Brasília.

Entrevistadora: Você é de Nova Brasília?

Entrevistadx: Sim. Eu sou moradora do complexo do alemão. Desde criança eu cresci ali na chatuba.

(houve interrupção da entrevista)

Eu sou crescida em comunidade. Na comunidade da chatuba na Penha. Faz parte do complexo do Alemão. O Alemão pega até lá na Penha, só que na minha adolescência, na minha juventude que eu vim de fato morar em Nova Brasília. Então eu sou sim moradora do Complexo do Alemão.

Entrevistadora: Você tem alguma foto que tenha tirado dessas situações de ajuda humanitária ou poderia me mostrar uma imagem qualquer que represente essa situação e esses valores?

Entrevistadx: Então, nessas duas situações que eu mencionei, tanto com o rapaz que convulsionou quando com a [suprimido]. Eu até tenho uma imagem, mas a gente não gosta de mostrar justamente por conta da exposição da pessoa. Pra gente não expor o ser humano naquele momento de vulnerabilidade. O menino estava bem debilitado, convulsionou mesmo. Coisa de espumar a boca. Então foi uma situação muito constrangedora. Pesada realmente. E naquele momento a gente fez um registro justamente pra gente se resguardar, se respaldar, mas a gente não divulgou isso em canto nenhum. Nós estávamos falando com a [suprimido] sobre as questões da festa junina né. então as mães dos alunos mandaram bolo, mandaram refrigerante. E a gente fez uma mesinha. E aí a [suprimido] me encaminhou ainda hoje um áudio de um aluno, uma criança. Não sei se vai dar pra você ouvir. Eu vou tentar botar. E o aluno falou assim: essa foi a melhor aula da minha vida. O menino falou, entendeu? Então, assim... É emocionante assim, de fato. E a [suprimido] escreveu pra gente: "isso não tem preço". Deixa eu ver se dá pra você ouvir. [coloca o audio. Menino fala: "Essa foi a melhor aula que eu já tive na vida"].

Entrevistadora: Ai, que bonitinho!

Entrevistadx: Deu pra ouvir?

Entrevistadora: Deu sim. É emocionante mesmo.

Entrevistadx: Então, assim...

Entrevistadora: A carinha deles. Eu vi a foto. O rostinho da menina. Eu falei pra ela. Eu me identifico muito, porque as minhas professoras também. Na faculdade. Na pós-graduação agora. Elas fizeram isso comigo também, porque eu tive uma questão bastante complicada com situações de trabalho e tudo e eu cheguei lá realmente precisando de um apoio forte. E aí... a carinha de agradecimento, de gratidão da menina... você deve estar com a foto aí... tem outras fotos que eu vi de outras pessoas em situações de pesquisa, de

congressos, com essa carinha aí, que diz tipo assim: “muito obrigada por eu estar aqui. Eu estou me sentindo muito especial”.

Entrevistadx: Eu acho que só esse áudio dessa criança eu acho que responde toda essa questão que eu estou falando, de você ir além. Porque não é só ir ali e ensinar “aperta esse botão, faz assim, conecta aqui”. Não é só isso. Tem uma questão humana, de acolhimento muito forte e que fica todo o dia muito evidente quando a gente tem o retorno, entendeu?

Entrevistadora: Como os valores que você identificou na sua interação com a comunidade afetam o planejamento e a execução das suas atividades na nave?

Entrevistadx: Afeta de forma positiva sempre né. A gente vê que esse é o caminho. A gente entende que está no caminho certo. Que está fazendo da forma certa por conta desses retornos que a gente tem. Então é só a gente continuar reforçando que esse é o caminho, que não pode ser uma coisa engessada, que tem que ter a questão da humanidade, que tem que ter a questão do acolhimento. Porque são pessoas que já vivem numa comunidade muito carente, que às vezes não têm esse acolhimento dentro de casa, que não encontrou esse acolhimento dentro da escola, mas que vai encontrar esse acolhimento dentro da Nave. Então esse retorno que a gente tem, a gente identifica que está no caminho certo, e é por aí mesmo.

Entrevistadora: Vocês já tiveram que mudar alguma estratégia de trabalho por conta de uma situação dessas?

Entrevistadx: Não, a gente nunca teve que mudar não. De fato nunca aconteceu de a gente ter que mudar a rota no caminho. Geralmente o que a gente se propõe a fazer, a gente dá um jeito e acontece.

Entrevistadora: Como as suas decisões no seu trabalho dependem dos valores que você identificou?

Entrevistadx: As decisões? É uma questão de estar muito internalizado dentro de mim mesmo, né. A [omitido] como pessoa, eu já sou assim mesmo. Ninguém me deu uma cartilha quando eu comecei a trabalhar lá que deveria ser dessa forma. É isso que eu tô falando. É um valor que já está dentro de mim. Já tá na maioria das pessoas que está ali. Então impacta nas nossas decisões do dia a dia, de querer ir além, de querer olhar pro outro, de querer. E o que eu sempre falo é sobre tratar o outro da forma como gostaríamos de ser tratados. Eu levo isso para o acolhimento para equipe, enquanto gestora. Eu sempre penso assim: como eu gostaria de ser tratada no ambiente, como eu gostaria de ser recebida no ambiente. eu gosto de me colocar no lugar do outro, porque eu já cheguei em lugares em que você é mal recebido, ninguém quer te ajudar. As pessoas têm medo de te dar informação às vezes. Parece né. “Não vou compartilhar não, porque se ela aprender isso aqui...”. Eu aprendi... por exemplo, o outro gestor que estava antes de mim [anonimizado] .. ele gostava muito de compartilhar. .. “Ah, amanhã ou depois eu não vou estar aqui, então vocês precisam saber como fazer, como proceder”. E eu compartilho desse mesmo pensamento. eu sempre me coloco no lugar do outro, porque eu já tive experiências ruins ao longo da minha vida e eu penso “eu não vou ser esse tipo de pessoa”. então como esse valor está internalizado em mim, na minha pessoa, na minha

personalidade... é uma coisa que flui, que acontece. Que é natural pra mim. Mas eu sei que não é natural para muitas pessoas.

Entrevistadora: Mas você acha que isso é uma coisa que você aprendeu na própria comunidade, no próprio território? É uma coisa que o pessoal do Complexo também carrega ou é uma coisa sua, [omitido], da sua família? Entendeu?

Entrevistadx: Eu acho que é uma questão muito de criação também né. É mais uma questão de criação mais do que do lugar em que você está. Porque não é porque é uma comunidade carente que todo mundo ali é solidário. Tem pessoas ruins e boas em todos os lugares. Mas é uma questão de criação mesmo. A minha mãe aprendeu dessa forma com a mãe dela e passou pras filhas. E é esse valor que eu quero passar pro meu filho. Então é uma questão realmente de família. De base familiar.

Entrevistadora: Bacana você falar isso, porque o que vai determinar a possibilidade de inclusão ou não são esses valores.

Pra você, com que objetivo as Naves do Conhecimento foram feitas?

Entrevistadx: A nossa nave de Nova Brasília, particularmente, é a primeira nave que foi construída. Ela foi construída ali como Praça do Conhecimento. Ela foi construída no sentido da prefeitura, da secretaria municipal de habitação na época, criar uma praça mesmo de convívio, dentro da comunidade. Construíram o cinema, construíram a nossa praça e construíram uma creche de frente. Então tornou aquele polo ali uma praça do conhecimento. Essa era a ideia inicial. E aí depois ela migrou para a secretaria de ciência e tecnologia e começou esses projetos das naves do conhecimento e uma nave em cada bairro, digamos assim. Atualmente nós temos umas nove, estamos indo para umas dez naves em outros bairros do Rio de Janeiro. Mas a nossa foi uma das primeiras, né. e ela veio com essa intenção mesmo. De difundir o conhecimento e de compartilhar ali naquele espaço antes chamado de praça. E compartilhar entre as pessoas. Circular ali cultura, talvez arte, educação. Essa era a proposta inicial.

Entrevistadora: O que você acha que pode ser melhorado para que as Naves do Conhecimento efetivamente cumpram o seu objetivo?

Entrevistadx: O objetivo é difundir o conhecimento. Eu acho que a gente precisa... talvez a gente enquanto nave, a secretaria, estar com esse olhar de sempre trazer inovação mesmo. Eu sempre falo que a tecnologia é uma coisa que muda o tempo todo. Cada vez mais ela está mudando com uma velocidade muito rápida. O que você aprendeu no mês passado, às vezes esse mês já não tá valendo mais. Houve sempre uma atualização... alguma coisa. Então eu acho que o desafio é se manter atualizada. É manter investimento pra isso. Tem que ter investimento em equipamentos melhores. E não achar que, por ela estar dentro de uma comunidade, que do jeito que está está bom. Não. Ela precisa realmente melhorar. Precisa de investimento, de equipamentos melhores, uma estrutura melhor... A gente tem buscado isso, mas é um desafio também. Porque não depende só da gente. Tem a questão de poder público, que é uma coisa muito maior.

Entrevistadora: Quais são as atividades da Nave do Conhecimento que possuem maior procura/engajamento do público visitante?

Entrevistadx: Eu acho que as que possuem mais procura são os cursos de iniciação mesmo. Os cursos de base. A pessoa precisa de uma base pra ela ir avançando na questão tecnológica. então os cursos de iniciação digital mesmo, que é a Informática Básica, às vezes um pacote de dados ali, o word, excel né, powerpoint, são o básico até para o mercado de trabalho. E dali a pessoa vai galgando outras coisas, mas os cursos de base, de entrada mesmo é Iniciação Digital e Informática básica, onde a pessoa começa ali bem do nível mais raso né.

Entrevistadora: Quais são as atividades que são mais constantes na Nave?

Entrevistadx: Informática básica. Os cursos de iniciação sempre têm. Fecha uma turma e daqui a pouco está abrindo outra, porque tem uma demanda né. Procura. Eu costumo falar também que o complexo do Alemão é enorme. A gente ainda não alcançou o complexo do alemão inteiro, então tem sempre gente nova chegando. De dentro do território mesmo. Então a gente sempre tem informática básica, sempre tem um curso de excel. Sempre tem um curso de fotografia também, que agora é uma demanda muito grande né. Cursos relacionados às redes sociais que é um boom a gente sempre tem.

Entrevistadora: Quais cursos são procurados de forma mais contínua pelo público?

Entrevistadx: Com certeza é o curso de fotografia. É um curso muito procurado por um público muito diversificado. E o curso de informática básica.

Entrevistadora: Quais são as atividades que já ocorreram na Nave que você percebeu que tiveram mais a ver com as potencialidades e cultura da comunidade de Nova Brasília?

Entrevistadx: O curso de fotografia. eu falo que é um carro chefe também né. Tem sempre uma procura muito grande, uma demanda muito grande também. Então é um curso que a gente sempre tem. E a comunidade gosta muito. Então a gente sempre tem que ter. Fotografia e informática básica. Esses dois aí são os principais.

Entrevistadora: Quais os tipos de atividade que você gostaria ou sente que falta que haja na Nave?

Entrevistadx: Que não tem ainda? Não tem até por uma questão de território mesmo, uma questão de não poder. Por exemplo, curso de drone. O drone é uma demanda que existe hoje no mercado. Uma inovação, uma novidade. Tem mercado pra isso agora. Pessoas que sabem manusear o drone. Só que a gente não pode fazer na Nave. Aí é uma questão do território mesmo que é bem ... tem que ter uma série de autorizações. A gente tentou abrir uma turma, mas não rolou. Aí a gente pensou em fazer ali dentro da nave, mas não é a mesma coisa. Entendeu? E aí acabou indo só para a nave do engenheiro. Na nave do engenheiro, ok. Na Penha também eu acho que tem. mas Nova Brasília a gente não pode. Então tem essas limitações. De a gente ter público, querer fazer, mas não poder fazer. Então é um outro desafio também.

Entrevistadora: Pra você o que é dado?

Entrevistadx: Um conjunto de informações, que talvez justifique alguma coisa, entendeu? Ou um conjunto de informações que talvez vá dar sentido a alguma coisa, talvez. Não sei se é a definição próxima ou perto. Mas é isso.

Entrevistadora: Não se preocupa, que tem várias definições.

Pra você o que é informação?

Entrevistadx: Informação é aquilo que a gente constrói no dia a dia e que se torna verídica ou não, mas a gente vai passando de um para o outro, né. É difícil definir o que é informação. É aquilo que a gente vai construindo no nosso cotidiano e que ela se difunde. A informação ela se difunde.

Entrevistadora: Pra você o que é literacia de dados?

Entrevistadx: Ihhh, agora você me pegou.

Entrevistadora: É a minha área de pesquisa

Entrevistadx: Talvez seja isso. É colher informações pra você chega a um consenso talvez. Não sei né. Tô conjecturando aqui. Imaginando né. É uma coleta de dados, de informações né. A partir das vivências das pessoas. Pra você construir... justificar determinada coisa.

Entrevistadora: E se eu falar que o nome ao invés de ser literacia de dados é alfabetização em dados?

Entrevistadx: Alfabetização?

Entrevistadora: como é que você define agora?

Entrevistadx: Alfabetização. Parece que é uma coisa mais de iniciação. você está iniciando a pessoa realmente o beabá. Talvez seja a base da construção de algo maior ... você está introduzindo a pessoa pra construir algo maior. Pode ser isso.

Entrevistadora: Na área de dados

Entrevistadx: Na área de dados

Entrevistadora: Quais foram ou têm sido as atividades realizadas na Nave do Conhecimento de Nova Brasília sobre dados? Que você reconhece como sendo atividades na área de dados.

Entrevistadx: De certa forma acho que tudo o que a gente faz é isso né. Porque é um compartilhamento de informações. A questão da informação está ligada a questão de dados é o que a gente está passando ali. É uma troca de informações o tempo todo. Em todos os

curso de alguma forma isso está sendo compartilhado. Não sei se tem algum curso específico, mas talvez seja todos de alguma maneira.

Entrevistadora: como você pensa que os usuários da Nave são afetados pela falta de conhecimento e visão crítica sobre dados?

Entrevistadx: É difícil saber, porque talvez eles não saibam né. Assim como eu né. Não saiba exatamente o que é. Talvez eles nem saibam que são afetados de alguma forma por isso, né. Não sei. Talvez a falta de informação. Não sei definir muito bem essa questão.

Entrevistadora: E quais são as ideias/sugestões/conselhos que você poderia me dar com respeito a criação de oficinas para ensinar sobre literacia de dados, levando em conta que a literacia de dados é a alfabetização em dados, ou seja, os primeiros passos para aprender a lidar com dados de forma responsável e crítica?

Entrevistadx: Um conselho que eu dou pra iniciar essa questão? Como a gente tem um público muito... como é que eu vou dizer... muito limitado na questão do conhecimento. Até na questão da tecnologia. Às vezes até na questão de estudo mesmo. A gente até estava falando sobre isso hoje. Tem muito jovem que chega na nave que quando chega na frente do computador não sabe o que fazer. Não sabe o que é um word. Não sabe o que é um excel. Mal sabe navegar na internet no computador. Às vezes está muito na rede social, só num tiktok da vida, num whatsapp da vida e é isso. Então, as pessoas têm um conhecimento muito limitado. Elas não têm essa vivência de máquina, de computador né. Então assim, é um desafio pra elas já estarem ali aprendendo alguma coisa. E aí ... enfim... tem que trazer primeiro essa introdução tecnológica pra depois poder avançar pra algo maior nessa questão de dados, que é uma linguagem que pra mim ainda soa diferente, né, porque não é o meu universo, não é a minha vivência. Pra eles então que têm dificuldade com esse letramento digital, acho que aí soaria bem mais estranho. Parece que é algo muito distante do conhecimento deles. Então, acho que é construir uma base mesmo ali. Que é o que a gente já está fazendo de certa forma, e ir avançando em outras linguagens, porque é realmente coisa que muitos nem ouviram falar. Não sabem nem que isso existe né. E às vezes o nome assusta a pessoa.

Entrevistadora: Uma coisa que a gente está tentando... com aquelas atividades desplugadas né. É uma tentativa nesse sentido, porque a gente tira os dados sem a dificuldade de usar a ferramenta. Não é tirar a tecnologia. É tirar a ferramenta, porque a ferramenta às vezes é um impecílio pra ele aprender. A gente tira e depois a ideia é introduzir a ferramenta gradualmente pra poder os conhecimentos começarem a casar e a gente começar a ensinar usando as ferramentas.

Entrevistadx_3

Entrevistadx: Boa noite. Eu me chamo Entrevistadx. Trabalho na nave do conhecimento nova brásília ministrando cursos de informática. Os cursos que eu já ministrei este ano foram informática básica com inteligência artificial, informática kids, canva, e algumas outras oficinas que é pra atender a nossa população da comunidade do complexo do alemão.

Entrevistadora: Você pode me dizer quais são os valores compartilhados entre os funcionários da nave do conhecimento de nova brásília?

Entrevistadx: Os valores que nós temos, eu vou falar por mim. Hoje mesmo eu recebi um recadinho de uma aluna e, conforme a gente vai desenvolvendo as atividades, a gente vai tendo relatos dos próprios alunos. Uma delas faz faculdade, trabalha a noite e não vem ao caso citar o nome, mas ela estava muito feliz com a aula que a gente havia ministrado, com o curso que ela havia realizado comigo, porque ela pagava as pessoas para fazerem os trabalhos da faculdade, porque ela não tinha o conhecimento nem o domínio da ferramenta tecnológica. E a alegria, a felicidade de ver no rosto dela: “professora, professora! Eu não vou mais pagar 350 reais para fazer o trabalho. Eu acho que isso é muito gratificante, sabe? A gente saber que pode transferir e transmutar e fazer uma transformação na vida das pessoas. Por mais simples que seja pra gente que tem um conhecimento, pra eles que estão aprendendo qualquer conhecimento é muito gratificante pra essas pessoas e pra gente também, como seres humanos.

Entrevistadora: Você pode me contar uma situação real em que esses valores tenham ficado bem claros ou surgido?

Entrevistadx: Hoje eu tive outro recadinho no whatsapp, uma aluna que faz técnico em administração na faculdade estácio de sá, que ela mandou um bilhetinho falando: “professora, estou muito contente, eu usei a ferramenta que a senhora ensinou. Estou muito feliz. a senhora foi top. Aí eu falei: “não fui eu, foi você”. A gente só faz o que com o aluno - eu enquanto educadora, enquanto professora... Não tem como falar de educação sem falar em transformação de vida. E isso pra mim é virar uma chave. E quem conduz todo o saber são eles mesmos. A gente só dá uma diretriz. Na verdade a gente acaba aprendendo também com eles, até nesse feedback.

Entrevistadora: Você tem uma foto que tenha tirado dessa situação ou poderia me mostrar uma imagem qualquer que represente essa situação e esses valores?

Entrevistadx: Até tenho, mas não posso fazer agora, porque eu estou no celular. Eu te mostro os depoimentos relacionados a esse tipo de coisa.

Entrevistadora: Como os valores que você identificou na sua interação com a comunidade afetam o planejamento e a execução das atividades na nave?

Entrevistadx: Bom. A gente trabalha no complexo do alemão. A gente vê diversas situações. Eu trabalho na parte da manhã, dou aula na parte da manhã. Quando a gente trabalha com criança a gente percebe uma necessidade muito grande de afeto, de carinho, de comida. Muitas das vezes não tem alimentação. Quando não, ocorre algum tipo de confronto no qual

a gente não pode abrir a nave, porque vai ter operação. Então existe toda uma logística que quando a gente vai receber esse aluno a gente tem que ter um pouco de calma, sabedoria, tranquilidade, e entender como a gente pode agregar valores com relação a isso. E como a gente trabalhar com essa dificuldade dos alunos? Muitos deles não têm computador, às vezes tem celular, às vezes não tem celular. Às vezes não tem nem o que comer. Isso é um fato. E aí a gente tem que se adaptar de uma forma que eles se sintam acolhidos pela nave do conhecimento e por todos nós da equipe da nave pra que a gente possa desenvolver um trabalho.

Muitas vezes a nave é o coração deles, tá? A nave acaba sendo o coração de uma comunidade tão carente. Quando eu digo carente é carente de tudo. Mas mesmo assim eles ainda encontram um espaço acolhedor e muito atrativo pra que eles venham aprender. Outros utilizam para aprender jogos. Ou até pra não ficar num meio onde não é pra se permitir. Então a nave pra mim é um referencial muito positivo em termos de comunidade, em termos de nós enquanto profissionais que trabalhamos lá. Eu vejo isso com muito carinho, sabe? Muitas das vezes tem alunos meus mesmo que têm um odor muito forte. Outro dia a gente estava comentando sobre isso. Aí falam: “como é que você lida com isso, Entrevistadx?”. Eu lido com naturalidade, porque eu não posso constranger, porque às vezes não têm nem o que comer, que dirá colocar um desodorante debaixo do braço. E a gente tem que saber trabalhar em cima disso.

Então não é só ensinar. Existem diversos fatores que às vezes ajudam, às vezes contribuem, e às vezes não. A gente tem que se adaptar de acordo com o dia a dia daquela pessoa que está ali envolvida com a gente.

Entrevistadora: Com muita sensibilidade e humanidade, né?

Entrevistadx: Muita, muita. É o olhar além do olhar, sabe?

Entrevistadora: Você sente deles uma retribuição com relação a esse seu carinho? Especificamente dessas pessoas que têm mais dificuldade?

Entrevistadx: Sim, com certeza. O respeito, o carinho. Embora nós estejamos num local de uma comunidade com diversos fatores que eu falei. Financeiro, carência afetiva, questões familiares, enfim... vários tipos de preconceito. Ali a gente trabalha com amor, respeito e carinho e com a situação de acolhimento, então a gente recebe isso deles. Eles entram com muito carinho e com muito respeito falando com a gente. Não temos problema nenhum. Principalmente eu. Eu sou até suspeita de falar, sabe?

Entrevistadora: Como as suas decisões no seu trabalho dependem dos valores que você identificou?

Entrevistadx: Então. O que que acontece. Como eu vou desenvolvendo as atividades de acordo com o que eu vou propor desde o conteúdo, a ementa, como a gente vai desenvolver. Na primeira aula eu sempre tenho um cuidado e um controle muito grande. E fazer aquele acolhimento. De perguntar, conversar... pra que eu possa expandir o conhecimento, ou seja, desenvolver de acordo com o que eu estou recebendo. Que muitas das vezes no planejamento a gente se programa, a gente se organiza, mas tem horas que aquilo que a gente programou não dá certo. Ou aquela população não está com interesse de aprender aquilo. Então você tem que puxar, de uma forma que seja clara, objetiva e que

atinja o que eles querem de fato. Vou dar um exemplo aqui: quando você fala... “vou dar uma plataforma: Canva”. A plataforma do canva é uma plataforma que tem ricas possibilidades pra quem faz unha, quem faz cabelo, quem faz trança, quem vende produtos de beleza, quem faz salgadinho. A maioria dos meus alunos tem essa coisa de empreendedorismo local. E o que eu faço? Eu vou trabalhar com canva, eu vou trabalhar dentro dessas possibilidades, pra que ele possa criar a arte, para que ele possa se expandir no trabalho dele. Então o que acontece? Existe um interesse tanto da parte deles quanto da minha parte de querer contribuir para o crescimento deles. E da parte deles de buscar mais pra poder ficar no curso. Então existe um elo de alinhamento entre a comunicação do professor e do aluno. Isso faz com que a gente consiga fazer um planejamento dentro daquela realidade pré vista que a gente desenvolve. E aí depois eu vou seguindo passo a passo com cada aluno.

Entrevistadora: Você trabalha então coletivamente, mas também individualmente com eles.

Entrevistadx: Sim. Com certeza.

Entrevistadora: Pra você, com que objetivo as naves do conhecimento foram feitas?

Entrevistadx: Bom, eu acho que a nave do conhecimento, o objetivo dela foi bom e enriquecedor pra população e a comunidade, de um modo geral. Porque ela acaba agregando valores de aprendizagem para o aluno, de conhecimento, de entretenimento, até tem muitas pessoas pós pandemia que sentiram necessidade de estar se comunicando, falando. E aí ela veio com uma forma muito boa de fazer esse entretenimento. às vezes pessoas que vão na nave para pedir ajuda pra imprimir ou ver um documento, ajudar a fazer o cadastro de uma matrícula de um aluno do município, do governo. Ajudar como é que vê a aposentadoria. Ou seja, não tem acesso à comunicação, não tem acesso a computador, não tem acesso a conhecimento. E a nave acaba agregando esses valores para a comunidade lá local. Estou falando do complexo do alemão. Então a realidade lá é muito voltada pra essa questão, de atender o público, suas necessidades e contribuir da melhor forma possível.

Entrevistadora: Você enxerga a nave do conhecimento como um telecentro, uma instituição de tecnologia? Como você enxerga?

Entrevistadx: Eu enxergo a nave do conhecimento como agregação de transformações de vida. Porque quando a pessoa não tem conhecimento e ela vai lá buscar. Ainda mais hoje que a gente fala de IA, de Inteligência Artificial, a gente tem diversas plataformas que estão vindo com uma energia muito grande. Eu acho que elas vieram pra contribuir e vieram pra ficar e as pessoas estão percebendo o quanto ela está sendo importante nessa transformação. Então ela é fundamental estar na comunidade e fazer esse trabalho de levar o conhecimento à população mais carente que tanto necessita.

Entrevistadora: Mas então ela seria mais como um telecentro?

Entrevistadx: Muito mais. Muito mais que um telecentro. Eu acho que ela é um núcleo gigantesco...

Entrevistadora: Seria uma escola?

Entrevistadx: Escola ... eu acho que a gente tem uns padrões né.... É muito complexo falar escola. Mas eu acho que é um núcleo de transformação do ser enquanto quer amplificar as suas habilidades profissionais. Acho que é isso.

Entrevistadora: Isso inclui as crianças também?

Entrevistadx: Inclui. Ela engloba. O legal é que ela abre um leque de opções para qualquer tipo de idade. A terceira idade. Eu já dei curso pra terceira idade. E é muito bacana saber que as pessoas estão buscando esse querer aprender e mexer, né. E tem o lado da Inteligência Artificial, que é a Informática Básica com Inteligência Artificial, que eu dei também. E que também tinha pessoas da terceira idade querendo aprender, porque não sabe mexer, o neto não quer ajudar, a filha não tem tempo. E acaba que eles têm esse interesse de ir pra nave pra aprender. A nave tem sido muito importante na comunidade de um modo geral.

Entrevistadora: Desde quando você está na nave, Entrevistadx?

Entrevistadx: Eu acho que estou há 8 meses.

Entrevistadora: É muito tempo, mas ao mesmo tempo é pouco tempo para estar tão ambientada. Os alunos te conhecem e te tratam com muito carinho.

Entrevistadx: eu desço a comunidade e “Olha a tia do [suprimido]!”. É muito legal isso. Isso daí é uma referência de carinho e eu tenho esse carinho com eles porque é muito importante. Não basta apenas ensinar, eu acho que vai além do ensinar. O Olhar que você tem que ter. O respeito que é fundamental.

Entrevistadora: Com certeza. E o que você acha que pode ser melhorado para que as naves do conhecimento efetivamente cumpram o seu objetivo?

Entrevistadx: melhorar? Em que sentido? Tecnológico? Em termos de tecnologia?

Entrevistadora: Alguma coisa que precisa melhorar para que ela cumpra realmente o objetivo dela.

Entrevistadx: Ela está passando por reformas e nós já comentamos a respeito dos novos aparelhos, equipamentos. E tão vendo isso, devido à importância que ela apresenta para a comunidade. Até pelo equipamento mesmo. Deve ter muitos anos esse espaço

Entrevistadora: Entendi. Então mais mudanças estruturais

Quais são as atividades da Nave do conhecimento de nova Brasília que possuem maior procura/engajamento do público visitante?

Entrevistadx: Informática básica. Quando eles não têm nenhum contato com a questão da digitação, computação. O público alvo vem direto pra Informática básica. Pra saber mexer,

saber ligar um computador, saber digitar, saber fazer uma pesquisa de busca na internet. Isso daí é uma procura muito grande em termos de aprendizado. É uma coisa que a gente não pode deixar de ter nos nossos cursos, desenvolver esse trabalho lá também.

Entrevistadora: Tem mais algum curso que você identifica que tem mais engajamento?

Entrevistadx: Tem. Tem o de fotografia que o pessoal gosta muito. Tem uma procura grande. Tem audiovisual. Tem coisa voltada pra crianças. Informática kids. Que tem essa intenção de ajudar aí. Eu enquanto educadora, eu não posso sair da área de educação. Eu estou trabalhando com eles. Informática kids. Estou com duas turmas, de manhã e a tarde, pra poder atender esse público que vem me pedindo bastante. E aí eu estou trabalhando o tema “festa junina”. E fazendo texto, fazendo com que eles busquem pesquisar. Aí através da digitação eu venho fazendo as correções ortográficas, explicando como é que se escreve, como é que se deixa de escrever, o que eles acharam interessante na pesquisa. Ou seja, fazendo de uma forma com que eles sintam prazer. E a aula se torna mais atrativa. Então principalmente toda a vez que eu trabalho com informática, principalmente kids - que criança eles são muitos elétricos, enérgicos - Então você não segura muito tempo. Aí você trabalha de uma forma bem lúdica e bem atrativa pra que ele busque interesse pra que ele retorne e tenha essa continuidade no curso. Isso tem sido muito positivo. A ponto de eu ter que abrir uma outra turma mês que vem por causa dessa demanda. Aí eu falei “meu deus, mas eu estou acabando de fazer uma turma e já vou entrar em outra novamente?” E a demanda está sendo assim. Eu falei: “Está bom, não vou falar não. Muito pelo contrário”. Eu não vou retirar eles da atividade que eles se desenvolvem. Eu quero é que eles se desenvolvam, pra buscar o conhecimento.

Entrevistadora: E eles vão por espontânea vontade.

Entrevistadx: Sim. Eu vou descendo a rua da comunidade e “tia! Quando é que vai ter curso?”. É gratificante.

Entrevistadora: Quais são as atividades ou tipos de atividades que são mais constantes na nave?

Entrevistadx: Então. A gente desenvolve muita atividade na nave. A nave ela é muito ativa. Não é um órgão parado. Todos os dias a gente tem atividades. Todos os dias a gente tem cursos diferentes, aula diferente, workshop diferente, oficinas. Então ela é muito eclética, flexível a diversas atividades. Hoje por exemplo nós recebemos visitas de americanos. Vinte jovens mais ou menos que vieram dos estados unidos para conhecer a nave. O pessoal do Voz, enfim.... Então eu não posso nem te dizer assim qual é o específico. Eu acho que todo o público que a gente coloca, por mais que seja 5, 10, 15, 20, sempre tem público, sabe?

Entrevistadora: Mas quais são as atividades que têm que são mais constantes?

Entrevistadx: Eu acho que é informática básica. Mais constante, eu acho. Tem a fotografia também né, que o curso é mais extenso. Mas quando se tem vaga imediatamente lota. E tem o curso de audiovisual que está ocorrendo que tem um público muito grande e diversificado. De várias áreas que fazem o curso. E às vezes quem nem é da comunidade acaba participando.

Entrevistadora: Quais cursos são procurados de forma mais contínua pelo público?

Entrevistadx: Informática básica. É o carro chefe da nave depois do audiovisual, depois da fotografia. Informática básica. Inteligência Artificial a gente tem trabalhado em cima também. Tem um público ... Inteligência Artificial, chatgpt ainda é muito inovador, tem gente que ainda não sabe nem o que é isso. A procura tem sido satisfatória, mas aos pouquinhos eles acabam percebendo a dimensão do que que é isso através dos cursos. Então isso tem sido um processo de engajamento bacana.

Entrevistadora: É um curso só de inteligência artificial ou também é só de chatgpt?

Entrevistadx: Então, a gente tem um curso só de chatgpt em que a gente ensina como fazer os prompts, como se desenvolve, como se trabalha, pra que que serve. Tem as oficinas e tem informática básica com inteligência artificial, que também trabalha da mesma forma. Do método tradicional, mostrando o que que é e engajando na inteligência artificial.

Entrevistadora: Quais são as atividades que já ocorreram na nave que você percebeu que tiveram mais a ver com as potencialidades e a cultura da comunidade da favela de nova brásilia ?

Entrevistadx: Ah, nós fizemos. Então... tem muito pouco tempo, eu vou te dizer... O que me chamou atenção foi quando a nave fez aniversário, que teve uma oficina muito bacana, que teve um vídeo que foi do grupo do audiovisual e da fotografia, que fizeram uma apresentação belíssima. Isso me chamou e marcou muito. Agora eu não me lembro mais ... tem hora que eu até vou esquecendo sim.

Entrevistadora: Quais são os tipos de atividade que você gostaria ou sente falta que haja na nave?

Entrevistadx: Então, tem coisas que fogem da nossa área tecnológica. Como eu sou professora, não tem como você fugir da área tecnológica. Às vezes você até tenta... Na nave teve um projeto, não sei se você soube. Tecnopáscoa ou Páscoatech. Lembra disso? Foi um projeto. Eu queria muito trabalhar com as crianças a páscoa, mas não saberia como dentro da tecnologia. Então eu falei "Vou dar um jeito de trabalhar a páscoa e fazer que eles criem chocolate". Usamos a mesa digitalizadora, usamos a impressora 3D fazendo os coelhinhos pequeninhos e usamos o chocolate. Então eu fiz todo esse processo e o processo de digitar, pintar, tudo foi feito. Ou seja, eu tentei usar a ludicidade da questão de enfeitar o ovo, comer, cortar, botar na forma... enfim... pra atender a tecnologia e ao mesmo tempo atender a criançada, entende? Então tem muitas coisas eu que viajo, mas eu acredito que às vezes eu consigo embutir, entendeu? Por exemplo, a festa junina com conteúdo de informática kids, como Informática kids junino. Então em tudo eu estou falando de festa junina. O tema, o que que come, quais são as regiões, aí eles têm que criar uma tabela. Quais são as regiões em que se dançam as festas juninas, que tipo de comida em qual região tem mais. E então eles vão fazendo uma pesquisa, vão criando uma tabela dentro do word e vai fazendo as coisas. Então depois na sexta feira eu falei: "depois a gente vai fazer um lanche julino. Cada um traz um negócio". Eu sei que eles não vão poder trazer, mas eu vou levar, entende?

Entrevistadora: Isso é muito importante, esse trabalho que você está fazendo. Eu também quando era professora. Eu fui professora de ensino médio, né. Era diferente. Eu dava aula de Física e não era em espaço não-formal, era um espaço formal que era a escola. Você falou que viaja de vez em quando. Eu acho que é muito importante a gente dar uma viajada mesmo que é pra gente chegar a esse ponto, que é o ponto que a gente acha que é um ponto bom né. Igual ao ponto de doce né. Eu também às vezes ia pro pátio e brincava de peteca com eles, porque eu achava que eles podiam sentir na maozinha deles. A massa quando a peteca batia na mão. Sentir a ação e reação que era a massa batendo na mão e a força da peteca na mão e a força da mão na peteca. E aí com isso a gente ia construindo o sentido do uso da física né. Porque se você for olhar, sem ter aplicação não tem sentido, né. E determinadas aplicações são muito distantes da realidade.

Entrevistadx: É verdade. é sim.

Entrevistadora: Aí eu lembrei quando você falou isso. Porque é difícil saber o ponto. Muitas vezes é isso. Porque se você jogar só a peteca não está num ponto bom, né. Se você for ensinar só conta, também não tá bom. Mas se conseguir aliar uma coisa à outra, né. ..

Entrevistadx: Como diz paulo freire, não há saberes iguais, há saberes diferentes. Cada um vê de um ângulo diferente que pode melhorar, e assim vai seguindo.

Entrevistadora: Você teve alguém que ensinou assim essa parte ou você acha que isso você desenvolveu mais em contato com os alunos?

Entrevistadx: Eu acho que eu desenvolvi mais com o contato com os alunos e com a falta de materia. Você criar e tirar de onde não tem. Já trabalhei em diversos tipos de escolas e a maioria das escolas tinha material em excesso. E outras, não tinham. E aí você tem que criar. Você tem que trabalhar e fazer criar de uma forma que seja prazerosa não somente para os alunos como também pra você. Porque quando você tem material farto pra trabalhar, fica tudo mais fácil. Quando você não tem o material adequado pra trabalhar, você tem que criar e não se acomodar. E aí é o criar que te abre o horizonte e onde as crianças te dão o retorno. Não só a criança, mas o adulto também. Aí você vê: “caramba...., eu não levava fé naquilo mas deu. Deu certo. Então a gente tem que criar através das possibilidades.

Entrevistadora: Pra você o que é dado?

Entrevistadx: Dados. Dados pra mim refere-se a uma situação em que eu preciso ter a visão concreta daquilo que eu posso até entender sim, mas eu preciso fazer uma busca pra coletar diversas informações pra que eu possa desenvolver um projeto, um trabalho. Dados é aquilo que eu vou receber. Eu preciso saber de algo, mas pra que eu saiba de algo eu tenho que coletar. Eu tenho que conhecer, eu tenho que pegar as informações e desenvolver. E pra eu desenvolver eu preciso ter os dados. Eu vou trabalhar quem são as pessoas, o quantitativo de pessoas que eu vou desenvolver, o que é o propósito que eu vou querer com essas pessoas, que eu acho que deve ser mais ou menos isso. Eu estou falando aleatoriamente como eu vejo dados. Dados é como se fosse uma estatística de algo que eu vou querer alcançar. Certo? Ou errado? Não sei. Mas eu acredito que eu preciso

coletar dados. A gente utiliza muito essa frase né. Eu preciso coletar dados. O que vem a ser esses dados. Depende. Ele varia muito. Porque ele é muito amplo quando eu falo de dados. Pode ser dados de estatística, pode ser dados de questões é... vamos supor que no morro do alemão, no complexo do alemão os dados que nós temos é que o índice de pessoas que não têm comida é muito grande. Então são dados coletados diante do que você fez. Uma busca, uma pesquisa, um formulário. Isso é o meu ver.

Entrevistadora: E o que é informação?

Entrevistadx: Informação é tudo o que vem te agregar valores. Porque tem muita fake news e você tem que saber o que você vai ouvir, o que você vai escutar, o que você vai falar. Porque a comunicação é muito ampla. E uma coisa é que ela é tão ampla, que ao mesmo tempo ela pode ser ambígua em que sentido? Quando você faz uma comunicação, ela tem que ser interpretada. E como essa comunicação está sendo interpretada? “Eu não vou falar com você, porque eu não quero”. Pronto. Você vai entender como? A comunicação ela é muito importante, e a gente tem que saber falar com essa comunicação. Porque às vezes um dia que você não tá legal, qualquer fala que alguém venha falar com você, você já se amedrontou. Porque você não tava legal, mas a pessoa tava normal. Ela só falou uma coisa que talvez esteja sensível demais. Essa comunicação teve uma interferência. Então a comunicação é fundamental na nossa vida, mas a gente tem que saber trabalhar em cima da comunicação, que uma vez mal feita ela se desvirtua e acaba causando problemas sérios.

Entrevistadora: E pra você o que é literacia de dados?

Entrevistadx: Não sei. Quero saber. Me diga!

Entrevistadora: E se eu mudar, disser que é alfabetização de dados. Você me diria alguma coisa que pode ser?

Entrevistadx: Alfabetização de dados. Eu acredito que você vai ter uma meta para se desenvolver de acordo com aquela resposta. Eu tenho uma turma do ensino fundamental 1, do primeiro ao quinto ano. Da primeira à terceira série eles estão respondendo a linguagem de uma forma correta em termos de ortografia, grafia, está top. Do quarto ao quinto ano, eu não percebo essa melhoria. Que que nós podemos fazer para levantar qual atividade... que dados a gente pode colher pra gente ter um processo diferenciado pra ter um retorno melhor? Eu acredito que seja isso.

Entrevistadora: E pra você, quais têm sido ou quais foram as atividades realizadas na Nave do Conhecimento de Nova Brasília sobre dados?

Entrevistadx: Foi com a professora Entrevistadora da UFRJ (risos). Ela tem sido bastante atuante lá na Nave do Conhecimento de Nova Brasília, no Complexo do Alemão, fazendo um trabalho lindíssimo, que é muito gratificante da gente receber e ver tão engajada, tão comprometida, tão envolvida e tendo aquele respeito no local em que está. E transmitindo valores e conhecimentos, o que é muito importante. Cada conhecimento que agrega na nave, eu acho que é de suma importância e as crianças têm recebido a Entrevistadora com muito carinho. Às vezes eles até acham que ela trabalha lá. Ô [suprimido] (risos)... está

sendo muito legal, sabe? Inclusive eu participei junto com ela. Eu ajudei na verdade, ela a fazer um workshop sobre sustentabilidade no qual foi unanimemente lindíssimo e foi belíssimo o trabalho que ela desenvolveu. E foi isso. Eu acho que é por aí. A gente precisa trocar e compartilhar.

Entrevistadora: É só continuar, né. Desenvolver as coisas melhor, melhorar as propostas de workshop. Tudo bem? Já tem uma aí pra gente mexer né?

Entrevistadx: Verdade

Entrevistadora: Como você pensa que os usuários da nave podem ser afetados pela falta de conhecimento e visão crítica sobre dados?

Entrevistadx: Então..., quando a gente não tem o conhecimento, a gente é leigo né. A gente não tem essa visão. E tudo o que é novo assusta. E pra eles falarem de dados. Eles até sabem o que é dados, mas não sabem interpretar o que vem a ser dados. Assim como eu também. Mas a gente vendo, todos nós sabemos. A gente só não sabe o termo correto da pronúncia de se falar o que vem a ser. Eles até sabem, mas eu acredito que é o que eu tô falando. Todas as atividades que são desenvolvidas na nave são muito importantes, porque a gente precisa levar informações pra essas pessoas que não têm mesmo. Que quanto mais eles tiverem essa oportunidade de estarem recebendo o conhecimento, a gente vai estar acendendo uma luzinha. E essa luzinha vai estar propagando pra que ele venha buscar a melhorar, a buscar, a conhecer, a se desenvolver. Então eu acho que é muito válido, caramba. Não tenho nem o que falar.

Entrevistadora: Quais ideias/sugestões/conselhos você poderia me dar com respeito a criação de oficinas para ensinar sobre literacia de dados, levando em conta que a literacia de dados é a alfabetização em dados, ou seja, os primeiros passos para aprender a lidar com dados de forma responsável e crítica?

Olha, eu não tenho críticas, sabe? Eu acredito que a gente pode inovar na questão de dados em que sentido. Primeiramente, vamos conhecer mais eles pra você ter um trabalho de dados extremamente maravilhoso. Porque, como tudo é muito novo pra eles, eles têm dificuldade. Porque eles sabem, mas eles precisam ter um direcionamento. Porque senão o negócio não flui. Até por questões de limitações. Que tipo de limitações? Um cérebro bem alimentado ele trabalha e funciona mais. Um cérebro que não se alimenta, ele vai se alimentar de que? Ele vai falar de que? Então a gente precisa trabalhar, se envolver, mais perceber mais, sabe? Pra que a gente possa buscar um retorno melhor. Eu acredito que vá conseguir. É tipo dar uma gotinha e puxar a gotona. É mais ou menos assim, mas vai dar tudo certo.

Entrevistadx_4

Entrevistadora: Você pode me dizer quais são os valores compartilhados entre os funcionários da Nave do Conhecimento de Nova Brasília?

Entrevistadx: Seria a dedicação ao público, se empenhar para gerar público para participar das atividades. E também comprometimento com o público em geral, né. Porque aqui a gente está em uma área vulnerável, então essa questão de comprometimento com a região é importante ter.

Entrevistadora: E região vulnerável, você definiria como? [trecho suprimido]

Entrevistadora: Você pode me contar uma situação real em que esses valores tenham ficado bem claros ou surgido?

Entrevistadx: A questão de eventos externos que a gente faz. A gente precisa trabalhar mais pra conseguir público. Tanto da população local quanto de outras pessoas de fora, eu acho que vêm aqui pra Nave.

Entrevistadora: quais são os valores mesmo que você falou na primeira pergunta?

Entrevistadx: comprometimento e dedicação. Esses são os principais. A gente precisa ter esse comprometimento e dedicação para poder chamar o público pra cá para os eventos.

Entrevistadora: Eles não querem ir?

Entrevistadx: algumas pessoas sim. Outras pessoas não sabem... por exemplo, o local da nave onde é. Não foi questão de passeio, mas uma vez um aluno se inscreveu num curso e veio aqui, não sabia como é que era e desistiu.

Entrevistadora: mas por causa do local?

Entrevistadx: isso. Exato. Ele era de uma outra região. Não conhecia aqui. E até mesmo pessoas que moram aqui perto não conhecem a nave né. [trecho suprimido]. Algumas pessoas moram aqui há anos e não conhecem a nave. Eu não tenho como dizer se elas não conhecem por falta de interesse delas ou porque elas não passam por essa região daqui, da praça Nova Brasília.

Entrevistadora: Entendi. Porque pode ser que elas passem por outro caminho para trabalhar e tudo o mais....

Entrevistadx: isso

Entrevistadora: Você tem uma foto que tenha tirado dessa situação ou poderia me mostrar uma imagem qualquer que represente essa situação e esses valores?

Entrevistadx: basicamente todo o passeio que a gente faz a gente tem que tirar foto né. A gente faz relatório pra sempre ter registro desses eventos externos. E de alguns eventos

internos também. Por exemplo, o último evento interno que eu me recordo, foi da competição de LOL [League of Legends] dos garotos daqui.

Entrevistadora: Foi externo?

Entrevistadx: no caso foi interno. Dentro da Nave. Depois foi externo. Lá na Nave do Engenhão.

Entrevistadora: Ah... foi tipo uma olimpíada?

Entrevistadx: É. Foi um torneio. Foi feito aqui primeiro, na Nave Nova Brasília. E depois foi feito na Nave do Engenhão com o pessoal de lá, com outros garotos também.

Entrevistadora: Como os valores que você identificou na sua interação com a comunidade afetam o planejamento e a execução das suas atividades na Nave?

Entrevistadx: afeta no tipo de curso e na atividade que a gente vai montar. Porque se for um curso mais puxado assim... geralmente não dá público. Se for um curso mais lúdico, mais divertido, dá público. Um exemplo disso foi o curso que eu tentei abrir aqui duas vezes, que foi de automação com arduíno. Não deu certo porque tinha 5 ou 6 pessoas inscritas, mas realmente vieram duas. Então teve que ser cancelado porque não teve público suficiente.

Entrevistadora: Você acha que quando as pessoas não vão em um curso mais avançado é porque elas são pessoas de uma outra condição financeira ou é porque as pessoas daí não querem assistir cursos mais avançados?

Entrevistadx: creio que haja poucas pessoas interessadas.

Entrevistadora: não tem nada a ver com entrar em Nova Brasília.

Entrevistadx: creio que não.

Entrevistadora: é uma pena não ter público. Mas eu acho também que aos poucos as coisas vão mudando, né? Sei lá.

Entrevistadx: Acho que sim

Entrevistadora: o importante é disseminar a cultura né? Efetivamente dar o curso. Igual você fez: "olha... tem aqui, se quiser..."

Entrevistadx: isso. Exato.

Entrevistadora: Como as suas decisões no seu trabalho dependem dos valores que você identificou? Trabalho em equipe.. trabalho em equipe não né...

Entrevistadx: o trabalho em equipe e o companheirismo também né. Porque falando a questão de qual curso eu vou dar né... depende da grade de horário dos outros professores também. Quais cursos eles vão dar. Pra não ter dois cursos iguais. Então eu deixo pra

montar a minha grade por último, pra ver o que que eles vão montar primeiro, pra eu não dar uma ideia parecida e também por causa da escolha do horário e da sala. Eles têm duas salas disponíveis né. Basicamente. então tem dois turnos né, digamos assim. Que é manhã, tarde e tarde/noite. Então a minha grade fica de acordo com a disponibilidade que eu tenho. Normalmente os meus cursos são à noite, porque eu uso uma sala específica. O do André também é de noite. Mas quando necessário nós fazemos cursos à tarde. E vai depender do que está sendo dado nesse mês pra gente poder escolher.

Entrevistadora: Aí como esses valores se inserem então nisso?

Entrevistadx: no caso a gente conversa né. Entre a gente. Tem sempre uma reunião no mês para decidir quais serão os cursos que serão dados. E nessa reunião a gente conversa e decide qual professor vai dar cada coisa. Aí o professor coloca o que vai dar... quais são os cursos que eles vão dar no mês e a gente decide ali em conjunto pra não ter esse impacto de cursos parecidos né.

Entrevistadora: Colaboração né. Trabalho conjunto.

Entrevistadx: isso.

Entrevistadora: fora isso vocês também batem papo, né? Sobre as coisas.

Entrevistadx: fora da reunião sim. A gente conversa sobre os cursos também fora da reunião, né. Mas a reunião é pra acertar com a coordenação e com a supervisão o que vai ser feito no próximo mês.

Entrevistadora: É junto com [suprimido] né? E agora junto com [suprimido] também.

E pra você, com que objetivo as naves do conhecimento foram feitas?

Entrevistadx: Assim... projeto político. Nem vou tocar nesse assunto. Mas uma questão pessoal que eu entendi, é pra dar oportunidade pra quem quer. Pra quem quer mesmo, né. Não é a questão que eu vou ali e vou pegar a pessoa pra fazer um curso porque precisa. Não. A pessoa tem que identificar o que ela quer e ela tem que ter oportunidade pra fazer o que ela precisa, né. E o que ela quer. Então a Nave é um espaço pra isso. Que foi o que quando eu entrei aqui o meu supervisor falou, né. Se a gente conseguir mudar a vida de uma pessoa tá ótimo, porque a gente ajudou uma pessoa de cem, duzentas. É dar oportunidade pra quem não teria lá fora. Porque, por exemplo, um curso de photoshop é 200 reais. E a pessoa fala assim: "Caraca, eu vou dar 200 reais em um curso? Não.". Porque o cara tem outra prioridade, né. Pra gastar esse dinheiro.

Entrevistadora: várias coisas né. Até poder comprar um videogame pra poder jogar, comprar um jogo, ter um computador maneiro pra jogar online. Isso daí a gente sabe que é muito difícil né. É pra muito poucas pessoas, né. Quando eu era criança eu não tinha. A gente tinha um videogame que a gente ganhou num sorteio. Era da minha irmã. Ela não deixava eu jogar. De vez em quando eu jogava, aí eu fiquei viciada logo tiraram também (risos)

Entrevistadx: (risos)

Entrevistadora: Também na nossa época era diferente né. A gente não tinha acesso porque não tinha pra vender mesmo. Era caríssimo né.

Entrevistadx: É verdade.

Entrevistadora: Hoje em dia eu acho que está mais acessível, porém ainda tem muita gente que não consegue comprar né.

Entrevistadx: Sim, sim. A nave dá essa acessibilidade para os usuários. A questão do jogo mesmo. Eu falo aqui com os garotos que na minha época eu não tinha um computador pra eu jogar de graça.

Entrevistadora: Ainda mais criança, né. Que quando tinha computador era para os pais usarem, não deixavam a criança ficar jogando o dia todo...

Entrevistadx: exato. tinha que pagar. Tinha que ir lá no cara para pagar pra jogar uma hora. E aqui não. Eles têm gratuito. Então a nave proporciona isso também. Tirando a questão acadêmica né, a nave proporciona entretenimento pro pessoal daqui que não tem condições de ter. E por isso que entra até a parte que eu falei antes né. Dos cursos mais puxados não darem público. Porque o pessoal aqui, eles já trabalham bastante, já passam bastante dificuldade, e o entretenimento já acaba sendo o mais atrativo pra cá pra nave. As coisas que entretêm acabam sendo as que geram mais público.

Entrevistadora: Você acha?

Entrevistadx: Sim. Sim. Até mesmo o curso de fotografia. Sempre lota. Abriu lota. O curso de informática básica também lota, porque é o básico mesmo. Mas os cursos mais puxados tendem a não ter público.

Entrevistadora: você acha que isso é só aí ou nas outras naves também?

Entrevistadx: é aqui porque eu só tenho vivência daqui. Não tem como eu falar das outras naves, mas essa questão da dificuldade mesmo de gerar público, dependendo do curso, eu creio que seja aqui sim. Devido à região não ser muito colaborativa, vamos dizer assim.

Entrevistadora: O que você acha que pode ser melhorado para que as naves do conhecimento efetivamente cumpram o seu objetivo? De ajudar as pessoas, no caso...

Entrevistadx: creio que mais divulgação de alguns cursos né. Por exemplo, aquilo que eu falei né. Aqui tem gente que mora perto e não sabia da nave. Em algumas partes da nave daqui né, não tem essa divulgação necessária, entendeu?

Entrevistadora: você acha que - essa é uma pergunta fora do script - você sabe qual seria uma forma de divulgar assim que atrairia mais pessoas? Diferente da outra que já está sendo feita?

Entrevistadx: eu creio que aumentar a frequência de postagem nas redes sociais.

Entrevistadora: já faz bastante, na verdade...

Entrevistadx: mas no caso seria diária né. Eu não acompanho muito o instagram da nave porque eu tenho que pesquisar sobre os cursos que eu vou fazer. Tenho que montar um curso novo, né. Todo mês. Então eu não tenho muito tempo pra ficar acompanhando. Mas tem a rádio Nova Brasília aqui próximo, né. Seria uma forma de divulgar os cursos da nave também. Mas essa divulgação pela nave é paga. É... pelas redes sociais seria gratuito, no caso.

Entrevistadora: você sabe quanto é o preço pra pagar pra rádio?

Entrevistadx: não. Eu sei que é caro. talvez 300 reais... não sei. Eu estou chutando por alto. Porque eu vejo por aqui que dura uma semana. Eles falam que a propaganda ali é cara, mas não falam o preço, então...

Entrevistadora: eles fizeram para o primeiro workshop de literacia de dados. Eu fiquei super emocionada, mas depois eu pensei: "deve ser carão". Um aluno apareceu por causa da propaganda. Porque funciona.

Entrevistadx: ah sim, propaganda funciona. Essa rua aqui é movimentada. E não é só aqui do outro lado da rua. Vai até lá na UPA se não me engano, essa rádio nova brásilia.

Entrevistadora: uma forma bem antiga de divulgação, a rádio né, mas muito eficiente. Bom, eu vou passar para a segunda parte da entrevista, que é a identificação de potenciais para o trabalho com dados.

Entrevistadora: quais são as atividades da nave do conhecimento Nova Brasília que possuem maior procura/engajamento do público visitante?

Entrevistadx: os cursos de fotografia, informática básica, pacote office. Esses três. Basicamente são os cursos que geram mais público mesmo. Bem, teve agora um curso novo que abriu que foi um curso de audiovisual, que teve bastante gente também. Lotou a sala. Esses cursos mais voltados para a geração de mídia. Cursos básicos pra busca de trabalho são os que mais geram público mesmo.

Entrevistadora: Entendi. A galera então está interessada nos primeiros passos e em certificados importantes para o mercado de trabalho, pelo que eu percebo. Porque eu fiz isso também. Todo mundo faz. Quando é novinho faz o curso de excel pra poder colocar lá no currículo porque todo mundo pede, né. E aí salva a vida da gente porque a gente consegue o primeiro emprego. E assim é a vida. E eu também vejo uma vertente artística indo para a área do design e o audiovisual, que parece uma coisa interessante.

Sobre artesanato, você se lembra quando teve aula, curso de artesanato aí? Como é que era?

Entrevistadx: Eu não cheguei a pegar essa fase da Nave.

Entrevistadora: Então você não reconhece o artesanato como um potencial assim da Nave..., que foi trabalhado durante algum tempo e a galera gostava ... ou você não tem conhecimento sobre isso?

Entrevistadx: Não, não tenho. Eu não tenho vivência, então não tem como eu gerar uma opinião sobre isso...

Entrevistadora: é porque eu tinha essa impressão, mas de fato parece que o artesanato é uma coisa que aconteceu durante um tempo e depois parou de acontecer.

Quais são as atividades ou tipos de atividades que são mais constantes na nave? São as mesmas?

Entrevistadx: Sim. Fora os eventos externos que foi feito bastante no passado né. Eram passeios para alguns lugares né. Um passeio que foi muito legal e que eu fui duas vezes foi lá no Museu do Amanhã. Teve bastante procura.

Entrevistadora: Aquele que a gente se encontrou no ano passado.

Entrevistadx: é verdade! Isso aí. Verdade. Foi ele e a colônia de férias. Que é pras crianças e ocorre toda vez no final/início do ano, no caso.

Entrevistadora: Eles têm passeio?

Entrevistadx: sim. passeio.

Entrevistadora: Eles vão pra onde?

Entrevistadx: Esse agora vai para a fiocruz.

Entrevistadora: Ah, que legal... mas sempre passeio cultural, né? Não tem passeio só pra...

Entrevistadx: Só pra diversão não. Colocando uma faixa de idade né... pra criança, essas atividades são as que geram mais público. Também tem umas atividades que a gente faz no dia das crianças quando é possível. Tem uns cursos de Lego que a gente tem aqui também. Que inclusive em criança pedindo pra abrir novamente o curso. Algumas atividades as próprias pessoas vêm aqui perguntar se têm e quando vai abrir.

Entrevistadora: O curso de Lego, como é que ele é?

Entrevistadx: No caso seria a robótica de Lego. Nós temos dois kits de Lego aqui. No caso, na primeira parte do curso, eu deixo as crianças livres para brincar com o Lego. Eu explico como ele funciona. A questão da robótica dele. E deixo elas montarem o robô por conta própria umas duas três aulas. Depois disso eu sigo a própria orientação do manual do Lego, que é pra eles verem né. E também para trabalhar a própria questão de seguir instrução pra poder ter um objetivo final. o primeiro curso que eu dei foi assim, o segundo que eu pretendo dar eu também vou seguir essa linha, pra elas terem uma noção de que elas

podem brincar, dependendo da atividade que elas estão fazendo, e também na atividade elas tenham uma certa obrigação. Que não é tudo brincadeira, como essas crianças acham que é aqui na nave.

Entrevistadora: Mas aí vão aprender brincando também, né. É uma coisa séria, mas que estão aprendendo brincando.

Entrevistadx: Eu também não fico muito em cima: “Tem que fazer assim porque está errado..., volta...se não fizer isso não vai fazer mais o curso...”. Não. eu tento manter uma ordem ali, porque tem que ter né. Mas sem cobrar. Porque são crianças. Elas já têm as dificuldades delas fora da nave. Elas não precisam ter as dificuldades delas aqui também né.

Entrevistadora: acho que esta é uma visão muito bonita sua, porque eu vi até nas outras entrevistas, não um comentário específico como o teu, mas essa preocupação também... tipo: “não vamos prejudicar. Tem gente que falta atividade... “não vamos ficar cobrando muito essa pessoa especificamente, porque já sabemos que essa pessoa tem problemas”... é... isso é interessante. Devia ser assim em todos os lugares, né?

Entrevistadx: É verdade.

Entrevistadora: quais cursos são procurados de forma mais contínua pelo público?

Entrevistadx: Fotografia, no caso, o audiovisual agora, que creio que será bastante procurado, informática básica, e os pacotes office.

Entrevistadora: E as criancinhas?

Entrevistadx: qualquer coisa que elas possam brincar. Qualquer atividade que elas entendam que elas vão se divertir, elas vêm aqui pra fazer, entendeu?

Entrevistadora: E elas iriam mais de uma vez em uma atividade que fosse legal? O que você acha?

Entrevistadx: Sim. Com certeza.

Entrevistadora: Por exemplo, você fez uma oficina e elas acharam legal. Chama de novo para a oficina...

Entrevistado: Tem uma oficina que é de Roblox. Eu peguei um jogo bobinho, nada.. , coisa simples. Não ensinei nada sobre a programação do jogo. eu botei ali e elas fizeram. As crianças vêm aqui nesse tipo de oficina mais pra poder ter a oportunidade de jogar o roblox do que aprender. Mas.. você tem que aprender isso aqui antes de jogar, tá bom? Ta bom. Aí a gente entra num acordo comum. Aí elas aprendem primeiro, a gente faz a oficina primeiro e depois a gente deixa elas ali para elas brincarem.

Entrevistadora: E qual é a faixa etária dos alunos que você ensina. Geralmente crianças, né?

Entrevistadx: Não. Não tem uma faixa etária exata. A faixa etária não é exata né (risos). Não tem... como vou falar... é de tanto a tanto pra isso... e pra outro curso é de tanto a tanto... , porque nessa questão do Roblox, é mais criança mesmo. De 6 a 10 anos mais ou menos, entendeu? E pros cursos de informática seria de 15 a 60 anos, por exemplo.

Entrevistadora: Aí eles vêm no curso de Roblox com 60 anos.

Entrevistadx: Isso. Pro de informática sim.

Entrevistadora: Ah, para o de informática básica.

Entrevistadx: Isso.

Entrevistadora: Ah, entendi.

Entrevistadx: Ontem entrou uma senhora de 64 anos na turma de informática básica.

Entrevistadora: A minha avó também. Depois de 60 e poucos anos ela fez um curso de informática. Comprou um computador

Entrevistadx: E foi o filho dela que trouxe. O filho dela tem 40 e pouco e ele trouxe a mãe dele pra fazer o curso também.

Entrevistadora: A minha avó. Isso foi muito legal. Você me fez ter uma memória muito bonita assim.. porque a minha avó, eu acho que ela não tinha nem o primário, o ensino fundamental completo não. Ela deve ter ido até a quinta série só, sexta série no máximo. E em um momento da vida dela ela cismou que queria aprender informática. E ela foi, comprou um computador. E aí eu lembro que ela ficou muito chateada porque ela não tinha pen drive. Porque compraram o computador, mas eu não sei se tinha o pen drive e alguém pegou.. sei lá.. família, criança perto, não sei o que... ou ela achou que vinha com pen drive, mas não veio. Aí tem um episódio na família em que ela fala “cadê meus pen drives?”, só que ela falou “ten drives” (risos). Era uma senhorinha que mandava email pra mim. De repente se eu procurar eu tenho os emails que a minha avó mandava pra mim, sabe? Ela aprendeu a mandar email... muito legal, né? Isso renova muito a vida da pessoa. em todos os aspectos aprender informática né? Pra mim também. Eu não sou uma senhorinha, mas se fosse antigamente, uma pessoa de 40 anos seria uma senhorinha. Eu voltei a estudar também, a fazer o mestrado, eu já tinha 38 anos. E mudei de área.

Entrevistadx: Inclusive essa história que você contou da sua avó me lembrou da primeira atividade que eu fiz aqui na nave. Eu fiz uma atividade externa que se chama “Nave nas Escolas”. A gente levava os equipamentos da Nave para uma escola que dava aula pra adulto. Pra gente apresentar os cursos que a gente tinha na Nave. E teve uma senhora lá que ela disse que era a primeira vez que ela tava estudando na vida, porque o marido dela falou que ela nunca ia estudar. Aí o marido faleceu, e ela conseguiu fazer o estudo e era a primeira vez que ela estava mexendo em um computador. E foi uma atividade de 1 dia só. Ela infelizmente não veio para o curso porque ela não tinha condições. Ela trabalhava durante o dia e estudava a noite. Essa questão também do pessoal trabalhar durante o dia

implica na adesão das pessoas. Tem muitas pessoas que chegam do trabalho cansadas e “Cara, eu vou pra lá pra estudar, fazer um curso que pode não me dar nada?”. Esse é um dos pensamentos que eu ouvi algumas pessoas falando, entendeu?

Entrevistadora: professorx [suprimido] também disse isso, né. Que as pessoas perguntam “O que isso vai trazer pra minha vida?”. Eu acho que é uma boa pergunta. Eu não sei o que você pensa, mas eu acho que é uma boa pergunta. A intenção dela talvez não seja a intenção que a gente gostaria. A nossa expectativa sobre. porque a gente prepara as coisas com carinho. Vocês preparam as coisas com carinho, no caso, porque vocês que são os professores. Mas eu acho que é uma boa pergunta você perguntar o que aquilo vai trazer de bom pra sua vida. Só que - tem uma outra parte que eu estou começando a perceber - é que - vê o que você pensa sobre isso - às vezes eu fico vendo assim que as pessoas na Nave do Conhecimento e em outros lugares em que a gente precisa mais estudar para conseguir um emprego - elas não conseguem entender que outros aprendizados ... sei lá.. fazer arte com dados, fazer uma oficina de yoga, sei lá... vai influenciar na vida delas também de trabalho, porque vai aumentar a cultura, né... fazer uma aula de violão..., vai aumentar a cultura, vai trazer um frescor, vai fazer a pessoa ficar mais relaxada ... vai dar condições às vezes da pessoa se expressar melhor... , ou soltar os seus sentimentos. Eu acho que falta essa compreensão porque eu acho que a vida acaba que - no capitalismo né - fica muito imediatista. A pessoa precisa arrumar um emprego porque, óbvio, ela precisa se alimentar. E aí ela não tem tempo pra pensar nas coisas que são legais, nas coisas que são bonitas da vida e que você pode aproveitar também. Que também vão servir pra te ajudar no futuro né. Porque ah... agora estou estudando e uma coisa que eu aprendi no teatro lá atrás ... aparentemente não tem nada a ver, mas com o tempo as coisas vão se agregando né.

Entrevistadx: no caso eu tento usar tudo o que eu conheço nas aulas. Até para deixar as aulas mais leves também. Mas uma dificuldade que a gente tem aqui é a questão de gerar curso todo mês. Essa é uma dificuldade que a gente tem mesmo, porque a Secretaria de Ciência e Tecnologia cobra isso da gente.

Entrevistadora: vocês têm sempre que ter cursos diferentes.

Entrevistadx: Isso. Exato. Entendeu? Não pode cair numa repetição. Se a gente não tivesse essa obrigação de gerar curso todo mês, seria mais tranquilo pra gente buscar assim outras coisas pessoalmente. Até mesmo fazer um curso dentro da Nave, pra gente.

Entrevistadora: Pra vocês poderem se reciclar, se especializar mais... você acha isso?

Entrevistadx: É... em parte sim. No caso, a questão da reciclagem, eu estou querendo reciclar o curso de informática básica que eu dou. Remontar ele e colocar mais aulas. Colocar mais coisas detalhadas, porque o curso que a gente tem atualmente é de 5 dias. Em cinco dias a gente tem que correr com as coisas e muitas vezes os alunos dizem “Ah! Eu posso fazer de novo se eu não entender?” - “Pode”.

Entrevistadora: É bem pouco 5 dias.

Entrevistadx: A gente pode montar os cursos. Alguns cursos a gente tem que correr, porque não tem muita aula. Porque atualmente já existe um curso pronto.

Entrevistadora: É bom porque eles também não têm tempo de desistir, né. É tão rápido também.

Entrevistadx: É verdade.

Entrevistadora: Me parece uma boa estratégia fazer cursos curtos, do que fazer um curso grande que vai começar com a turma cheia e depois as pessoas vão abandonar.

Entrevistadx: Sim

Entrevistadora: ou assim, “fez o curso? Gostaram? Agora vamos fazer o II então”.

Entrevistadx: É. Fazer o curso por módulos no caso, né.

Entrevistadora: E aí os módulos... assim... é uma boa ideia a gente estar conversando sobre isso, porque aparentemente a pergunta não tinha nada a ver e a gente foi já para um outro caminho. Mas é uma coisa que eu gostaria de saber também. Porque se eu for criar alguma coisa no futuro, relacionada à literacia de dados, de repente criar módulos pequenos e independentes que a pessoa pode ir e fazer esse curso, mas para ir para o módulo II ela não precisa saber o módulo I. Ela pode chegar no módulo II sem nenhum conhecimento. Entendeu? E aí depois ela vai avançar. Ela vai saber mais coisas. Mas ela não precisa começar do I pra fazer o II. Ela pode começar no II e depois ir para o II ou voltar pro I. Ou não precisar voltar se ela não quiser ou se não puder. É... boa ideia.

Entrevistadora: Quais os tipos de atividades que você gostaria ou sente falta que haja na nave?

Entrevistadx: programação. Programação seria uma boa. Algum curso voltado para a manutenção de celular. Criação de aplicativo. Criação de aplicativo também seria uma boa ter.

Entrevistadora: Já sai dali e arruma um emprego né.

Entrevistadx: E assim, tem várias lojinhas aqui próximo que faz manutenção de celular.

Entrevistadora: Isso aí seria legal mesmo. Uma coisa diretamente aplicável. Ele vai sair dali pra trabalhar.

Entrevistadx: Isso. Exato.

Entrevistadora: A programação, ela vai preparar, mas eu digo que já é uma coisa mais a longo prazo.

Entrevistadx: isso

Entrevistadora: E fazer aplicativo é também uma coisa que é um pouco menos longo prazo que a programação, mas também é bem interessante. Dá pra ensinar. Bom, acabou essa parte. Agora essa é a última parte da entrevista. São perguntas diretas. Você não precisa saber a resposta. Umas você vai saber, outras você vai dizer a partir do que você pensa. Não tem resposta certa ou errada. Eu estou só querendo saber o que você pensa sobre as coisas. São 6 perguntas só. Bem simples.

A primeira é pra você o que é dado?

Entrevistadx: Informação.

Entrevistadora: A segunda pergunta é o que é pra você informação? (risos)

Entrevistadx: (muitos risos) Informação é conhecimento sobre alguma coisa.

Entrevistadora: E dado?

Entrevistadx: Dado seria informação. Informação sobre alguma coisa determinada.

Entrevistadora: Pra você o que é literacia de dados? - É a área que eu estudo. Então eu quero saber o que você ...

Entrevistadx: Literacia de dados... eu vou pesquisar na internet! Pera aí... deixa eu pensar aqui... (risos)

Entrevistadora: Tá pesquisando?

Entrevistadx: Não. Não. Eu tô pensando. (risos) Eu to só olhando pra fora... minhas mãos estão aqui ó [levantando as mãos].

Entrevistadora: Se eu falar pra você que a palavra literacia significa alfabetização, aí melhora?

Entrevistadx: É, eu tava pensando mais ou menos algo desse tipo, entendeu? Ensinar as pessoas a coletar dados, identificar dados, buscar dados, algo assim.

Entrevistadora: Que mais você acha que pode estar relacionado?

Entrevistadx: A pessoa identificar um dado e poder tirar alguma coisa, alguma estatística, algum tipo de comportamento daqueles dados que ela consegue adquirir.

Entrevistadora: Quais foram ou têm sido as atividades realizadas na nave do conhecimento de nova brásília sobre dados? Ou que você reconhece que são sobre dados?

Entrevistadx: as atividades que você executou aqui.

Entrevistadora: E outras?

Entrevistadx: Bem.. acho que basicamente todas né. Se a gente for parar pra pensar. Cada curso que a gente dá tem determinado tipo de público. A gente poderia usar isso para coletar dados.

Entrevistadora: Mas atividades especificamente sobre literacia de dados

Entrevistadx: somente as atividades que você executou aqui mesmo.

Entrevistadora: Você acha que a oficina de excel tem a ver com literacia de dados?

Entrevistadx: sim quando ela é especificada para isso. Por exemplo, curso de excel básico, avançado .. básico intermediário não seria tratado dessa forma.

Entrevistadora: por que você acha que não? Estou te provocando, tá? Não é porque seja certo ou errado não. Eu só estou querendo saber o que você pensa mesmo.

Entrevistadx: Tá. Bem.. porque os cursos.. o pessoal que vem aqui fazer os cursos eles não vêm para buscar isso de trabalhar com dados. Eles querem aprender a fazer uma planilha para conseguir um trabalho. Ponto.

Entrevistadora: Mais para trabalhar a parte da organização da informação na planilha.

Entrevistadx: É... sim.

Entrevistadora: E talvez ali a análise né. Alguma coisa ... trabalhar essa informação.

Entrevistadx: Sim, mas as pessoas não fazem essa ação de forma consciente, entendeu? É... tem um problema ali e eu vou resolver o problema para eu ter um trabalho. É isso.

Entrevistadora: Você acha então que a consciência seria uma parte integrante da literacia de dados?

Entrevistadx: Sim. com certeza. Porque se a pessoa não sabe que ela está buscando dados, aquela informação ali não é nada. É só uma informação aleatória, digamos assim. Eu tenho lá uma planilha de compras e vendas e eu tenho que colocar aquilo organizado, pronto. A pessoa que tá fazendo essa planilha ela não sabe que tá coletando e organizando dados.

Entrevistadora: Você quer dizer que ela não está tendo uma análise crítica sobre a questão ali.

Entrevistadx: Não.

Entrevistadora: Ela está só reproduzindo o que está sendo pedido.

Entrevistadx: isso.

Entrevistadora: Como você pensa que os usuários da nave nova Brasília são afetados pela falta de conhecimento e visão crítica sobre dados?

Entrevistadx: Eu creio que eles são pouco afetados porque aqui eles não buscam esse tipo de conhecimento.

Entrevistadora: mas de repente nem na vida geral deles eles estão sendo afetados pela falta de conhecimento sobre dados?

Entrevistadx: Não. Não vejo dessa forma.

Entrevistadora: Quais ideias/sugestões/conselhos você poderia me dar com respeito à criação de oficinas para ensinar sobre literacia de dados?

Entrevistadx: meu conselho seria ser mais presente na Nave. Essa questão de coleta de dados, análise de dados... o quanto eles vão ver isso como uma coisa mais difícil pra eles fazerem Se eles não tiverem empatia pela pessoa que vai dar a oficina, eles não vão.

Entrevistadora: mesmo as crianças?

Entrevistadx: com as crianças você poderia fazer como se fosse brincadeira. No caso aqui sempre teria um professor da Nave né. Então, o professor faria essa ponte entre você e as crianças.

Entrevistadora: entendi. Eu também penso isso. De repente marcar vários workshops com uma periodicidade. Mas tem que ser legal, senão eles vão para a aula daquela professora que acha que o que ela faz é legal, mas não é (risos)

Entrevistadx: As suas oficinas são interessantes. Aquela atividade que você fez na colônia de férias de pintar lá o ... ah, eu tenho um cachorro vou pintar de azul... aquilo dali foi legal, eles gostaram. Você poderia repetir isso.

Entrevistadora: Eu estou tentando repetir. Eu enviei mensagem pra [suprimido] ainda hoje. Só que está difícil de marcar. Eu vou tentar marcar num sábado de repente.

Entrevistadx: É... sábado é o melhor dia, porque não tem nenhuma aula, todas as salas vão estar desocupadas. Não sei se pra você fica mais fácil escolher uma sala ou fazer uma atividade usando a nave inteira, por exemplo.

Entrevistadora: Eu remodelei ela. Eu fiz aquele papelzinho menor, coloquei um negocinho pra colar bonitinho. Eu acho que vai ficar legal. Eles vão gostar mais e acho que vai ficar muito mais bonitinho visualmente. Agora tem uma bolsa separada, que é uma bolsa só desses workshops. Mas eu tenho que preparar outras.

Entrevistadx_5

Entrevistadora: aqui então bom dia [suprimido] eu gostaria de te perguntar se você autoriza a gravação da sua imagem para a finalidade dessa pesquisa.

Entrevistadx: sim está autorizado Pois eu vou te passar uma autorização no papel né para poder formalizar Mas a intenção é só utilizar o teor da conversa tá? tem um um texto aqui que eu fiz um um guia da nossa entrevista eu tenho várias perguntas é uma sequência grande de perguntas tá e eu vou te passar tá não são poucas perguntas mas se você responder objetivamente ...mas assim ...não precisa ser sim ou não né. Eu acho que a gente consegue chegar eu com a com [suprimido] eu só fiz com [suprimido] antes a gente conseguiu fazer em 1 h 19 acho que a gente consegue diminuir para uma hora ou menos até tá? O objetivo dessa entrevista é eu conhecer um pouquinho mais sobre o seu trabalho na Nave do conhecimento e sobre como você enxerga algumas questões relacionadas ao trabalho no dia a dia da nave do conhecimento e também o trabalho com dados na Nave do conhecimento

Parece que ele sabe que você é dos gatos, porque ele tava tranquilo aí começou a subir aqui [o gato subiu na mesa]

Vamos lá. A primeira pergunta então é: quais são os valores que norteiam trabalho na Nave do conhecimento? Aí eu tô falando especificamente da nave Nova Brasília, mas se você quiser estender para outras naves que você conheça você pode falar também

Entrevistadx: Qual seria a pergunta?

Entrevistadorx: Quais são os valores que norteiam o trabalho na Nave do conhecimento? Aí eu falei para você que se você quiser falar sobre especificamente a nave onde você eh trabalha pode ser. Se você conhecer também outras Naves ou trabalha em outras Naves você pode estender também a sua resposta a princípio.

Entrevistadx: as naves do conhecimento elas são um equipamento totalmente político né. Mas a partir do momento tem uma gestão e essa gestão se compromete em fazer um trabalho com dignidade, com honestidade. Todos os valores diários no dia a dia né. Eu acho que vai depender muito para ... eu não posso falar por todas as naves né. Eu posso falar... o microfone tá falhando ...

Eu não posso falar obviamente pelas outras Naves porque cada nave tem a sua forma de trabalhar, cada nave tem a sua estrutura né. Eu posso falar da minha vivência no caso na Nova Brasília dos valores né que a gestão da da nave Nova Brasília não abre mão né. Então eu eu tô aqui praticamente assim trabalhando na Nav da Nova Brasília desde 2013, então praticamente já são 11 anos aí né de muita correria, de muito amor, de muita dedicação, né. Eu acho que conforme a gente foi construindo essa essa nossa forma de trabalhar aqui na gestão da nave da Nova Brasília... eu acho que desde o início né obviamente já passaram inúmeras pessoas aqui dentro, já passaram inúmeros coordenadores, inúmeras pessoas e eu que tô aqui desde o início. Eu acho que a gente foi construindo esses valores e a gente não abre mão desses valores até hoje independente da gestão que se passa, independente do que se passa.

Então eu acho que os valores que norteiam muito bem assim a nave da Nova Brasília eu acho que é comprometimento, né. Eu acho que é muito amor ao próximo, é responsabilidade social, consegue entender? Que a gente tem uma responsabilidade eh para com as pessoas desse território e obviamente que essa responsabilidade ela se expande, então a gente obviamente que a gente não pode de maneira alguma excluir né.

A gente não gosta muito dessa atitude de exclusão. Pelo contrário, né. Eu acho que um outro valor que norteia muito é a questão do acolhimento, né. Obviamente que somos falhos, né, dentro desses valores. A gente tem as falhas, mas dentro dessas falhas a gente tá sempre tentando acertar, tá sempre tentando buscar novas soluções, né e nunca ficar parado né, paralisado diante dos desafios que a gente encontra... que já encontramos ao longo desses anos. Porque são muitos desafios. Os desafios ainda que a gente ainda vai encontrar, né. Assim..., pelo menos até hoje a gente conseguiu ainda de fato manter esses valores, né. E trabalhar ativamente para que esses valores continuassem, né. E eu espero que isso seja para sempre aqui.

Assim, ... enquanto a nave tiver com as portas abertas, funcionando e tiver pessoas comprometidas aqui dentro... pessoas comprometidas, dedicadas... Eu espero que a nave continue sendo essa potência que é aqui dentro desse território. Eu não posso falar pelo futuro mas eu espero e eu torço muito, mesmo eu não continuando no projeto... Eu espero que a gente sempre receba pessoas que estejam comprometidas a manter esses valores.

Então acho que é mais ou menos esse caminho. Assim... é comprometimento, é amor, é amor ao próximo, entendeu? É responsabilidade social, É entender o papel social de cada um aqui dentro, e sempre acolher. Eu acho que esses são os os valores principais. obviamente tem vários outros, mas que eu não vou conseguir lembrar de todos. Mas seria mais ou menos por esse caminho.

Entrevistadora: E quais vocês você acha que são os potenciais da nave do conhecimento?

Entrevistadx: Potenciais em forma de formas de trabalho? Como é que seria isso? Eu acho que o complexo alemão ele é uma ele é uma fábrica de talentos. É uma favela que chama muita atenção pela quantidade de manifestações culturais e artísticas que acontecem aqui dentro. Manifestações intelectuais, manifestações de no sentido de pessoas com com sonhos e de pessoas que correm muito atrás. De pessoas que que não se acostumam com o tipo né vida de onde elas vieram. São pessoas que estão sempre tentando transformar os espaços ali, a sua vizinhança em si, a viela onde nasceu. Então o complexo alemão ele tem essa diferença. Não tô aqui diminuindo nenhuma outra favela né a gente de maneira nenhuma também pode dizer que favela é tudo igual porque não é cada um tem a sua característica. Cada um tem a sua forma de vivência. Então a gente percebe que existe uma diferença, mas também tem uma uma diferença muito gritante. O complexo alemão ele por muitos anos é marginalizado. É considerado como uma das favelas mais perigosas do Rio de Janeiro e obviamente que a gente sabe a gente que a gente que convive a gente que entra e sai todo dia daqui, a gente sabe que isso é completamente midiático, porque não é assim que funciona. Existem várias outras favelas que também tem um histórico

muito parecido de violência, mas não por conta de todas as situações que ocorreram ao longo desses anos.

Desde os anos 80 né é visto dessa maneira de forma totalmente marginalizada. E aí o que que os moradores, moradores intelectuais, os comunicadores, todos os atores que nasceram aqui, eles nunca aceitaram essa essa nomenclatura de marginalização. Então aí já demonstra algo completamente diferente a partir do momento que os seus atores sociais seus atores locais né os moradores não aceitam essa nomenclatura. A gente já tem a diferença de um povo.

A nomenclatura que você diz ... eu já ouvi dentro da faculdade de jornalismo. Um professor meu de Economia falou das mulheres que moram, que nasceram e moram no complexo e na Rocinha, delas ficarem viúvas mais cedo porque a maioria dessas mulheres são mulheres bandido. Isso é uma inverdade, né, generalizar um povo. É estereotipar aquilo que, enfim, que você não conhece.

E aí o que acontece é que esses atores né sociais e essas pessoas esses moradores ali a gente já consegue perceber o que esse povo daqui desse território é o povo que não aceita. Não aceita e não se acostuma. Não aceita essas determinadas nomenclaturas e corre atrás para mudar. É para mudar esses estereótipos, para quebrar esses estereótipos.

Então, o complexo alemão desde os anos 2000 mais ou menos... desde mais ou menos 2001, 2002... logo assim que aconteceu aquele Episódio triste né... Desde Essa época começa a nascer um movimento muito forte de comunicação dentro do complexo alemão. E uma dessas pessoas que começam com esse movimento - obviamente ONGs, pessoas envolvidas - Uma dessas pessoas é o raízes em movimento. E que vem com um trabalho muito forte de pesquisa, muito forte de comunicação. Além disso né, lá na Maré começa um movimento a partir da escola de fotógrafos da Maré, a partir de João Roberto Ripper né Eh a partir de de João Roberto ripper que é um Jornalista que trabalhou na nos maiores jornais né do Rio de Janeiro ele chega lá e se propõe a ensinar fotografia pros moradores lá do Complexo da Maré e acaba saindo gente daqui para estudar lá. Então essas pessoas que saem daqui e vão pra Maré retornam com esse conhecimento. Principalmente conhecimento da fotografia.

E a partir daí a fotografia começa a ser do Complexo do Alemão. Aí ela começa a se tornar algo muito forte, muito potente, de muita mudança na vida dos jovens daquela época. Então o raízes também começa a receber esses fotógrafos. Começam a acontecer vários outros cursos de fotografia paralelamente aqui dentro do complexo alemão. E eu acredito que é a partir daí que as pessoas começam ter a noção de que, quando ela vai no Google e pesquisa complexo alemão só vem sobre morte de Tim Lopes, só vem imagens sobre sobre operações, sobre tiroteio, sobre pessoas mortas. Então ali sabe, meio que vira uma chavinha... Quais são as imagens que você quer ver sobre o território que você nasceu? Quais são as imagens que você quer ver estampando um jornal Sobre o Complexo alemão? Então vira uma chavinha muito importante de tipo assim... "cara, se eu tenho esse instrumento de potencialização na minha mão que é uma câmera e a partir dessa câmera eu posso mudar a história do local onde eu nasci, então eu vou fazê-lo.

Então eu tô te contando essa história toda muito resumida obviamente. Ela é muito maior. Ela é muito importante para poder entender o potencial, mas da onde vem também né, Lu.

tô aqui tô te vendo Exatamente é E aí o que que acontece eu tô te contando essa história né bem resumidamente porque ela é muito maior depois eu até posso te mandar meu TCC, tá? para você ler. O meu TCC fala sobre isso. Então por que que eu tô rodeando para chegar Justamente na sua pergunta?

Respondendo a sua pergunta, a comunicação é a maior potência do complexo. Obviamente que a gente tem várias outras várias outras, né. A gente tem, enfim, um histórico muito forte de artistas. A gente tem um histórico muito forte de esporte, de empreendedorismo. Pessoas da Ciência e Tecnologia também que atuam aqui no complexo alemão, também sabem que tem uma potência muito grande [nessa área], mas eu acho que o complexo alemão tá ali no topo. Então a partir dali começa a surgir inúmeros jornalistas, começa a surgir inúmeros publicitários, inúmeros fotógrafos, inúmeros foto-jornalistas. A partir desse histórico da fotografia ... Então a fotografia ela é uma potência não pela nave... ela é uma potência antes mesmo de existir Nave. Então tem quantos anos aí? A Nave tem 11, quase 12 anos, né.

Então a partir do momento que a nave nasce né em 2011 que ela é construída acabam eh trazendo a fotografia aqui para dentro né e dá muito certo sabe, Lu. Hoje eu posso dizer que a Nave do conhecimento ela é um dos poucos lugares onde tem aula de fotografia com qualidade e que forma pessoas e forma pessoas para voar. A gente tem históricos de pessoas que foram morar fora do país e que passaram pelo curso de fotografia que passaram pelo curso de fotografia estão na Globo. Estão trabalhando na Coca-Cola estão no Voz das Comunidades, estão trabalhando com políticos... fotografando políticos, estão viajando, estão documentando, entendeu? Eu não falo só por mim não, eu falo por vários e vários outros professores que vieram antes de mim. A gente tem alunos aqui e que montaram suas empresas e estão trabalhando com fotografia, fazendo casamentos e fazendo lindamente, sabe? E começaram aqui. Então eu costumo dizer que a fotografia ela é o carro chefe do complexo alemão e da nossa Nave. Aqui é um curso que não pode faltar. Se tirar a fotografia daqui é como se tivesse tirando um órgão vital, sabe? De um corpo humano que precisa viver. Então a fotografia ela não pode sair daqui de maneira nenhuma, o audiovisual.

Agora, eu vejo muita potencialidade na área de games né, mas a gente ainda não conseguiu de fato trabalhar isso de uma maneira que venha formar esses jovens. São muitas crianças e adolescentes que gostam dessa área, mas eu acho que a gente precisa mudar a percepção de como elas vivenciam o game, sabe? Eu acho que é muito mais legal. Eu já falei isso em algumas reuniões e a gente talvez ainda não conseguiu de fato ativar esse pensamento ou buscar soluções. A gente recebe muitas crianças, muitos jovens. Eles ficam o dia inteiro jogando. E por que não mudar isso? Ao invés deles jogarem eles serem os criadores desses jogos? Porque não ensinar a fazer jogos, né? Obviamente que a gente já teve algumas oficinas aqui, mas eu acredito que ainda falta aprofundar isso. Eu visualizo isso. Eu visualizo que a potência que deu certo e que vai continuar dando certo é a fotografia e o audiovisual e a área de games é uma potência que talvez a gente ainda não conseguiu explodir com ela aqui dentro e que a gente precisa rever essa situação, entendeu? Porque eu acho que a gente precisa tirar essas crianças dali que ficam jogando o dia inteiro jogo de tiro, sabe? E aí saem daqui vão para as suas casas, beleza. Voltam no dia seguinte e fica nesse círculo. Vamos ensiná-las a construir esses jogos que eles gostam, né. Vamos ensiná-los a construir uma visão bastante avançada. Aí tem que ser

inteligente, né? Porque senão a gente vai continuar reproduzindo o que a sociedade faz. Tô me incluindo né, porque eu de certa forma já falei. Eu já falei isso algumas vezes, entendeu? Talvez agora [suprimido] eu possa avançar com essa ideia. Em alguns quesitos obviamente que não vou conseguir transformar tudo, não vou. São pequenos passos, né. Achar que a gente vai mudar todo um sistema não é assim, mas eu quero. Eu quero poder implantar isso. Implantar e a gente ter profissionais qualificados para poder aí tocar esse desafio que é transformar mesmo a nave num potencial e numa potencial máquina de formar jovens na área de games sim. Porque eles só estão realmente consumindo, né. Eles são só nesse momento consumidores. Não é interessante somente ser consumidor. Hoje a gente precisa ser promotores. Protagonismo.

Entrevistadora: deixa te perguntar. E você vê assim algum outro potencial?

Entrevistadx: Para mim também são bastante claros. Eu acho que são realmente os dois.

Entrevistadora: Acho que eu também percebi com meu pouco conhecimento. Mas você percebe alguns outros potenciais assim nascentes? Coisas que tiveram aí que foram interessantes, talvez, mas que não foram pra frente?

Entrevistadx: não a gente diariamente vive momento cruciais. É necessário promover mais coisas né. Eu falo pela pela [suprimido]. A [suprimido] é uma Educadora. Assim... ela é uma surpresa muito boa né pra gente, porque ela ela substituiu a [suprimido]. E a [suprimido] saiu daqui. Caramba, cara... impossível substituir a [suprimido], né? A gente tinha esse medo. "Caramba, quem vai substituir a [suprimido]? E a [suprimido] detinha... detém né... detém de um conhecimento que é muito, que é muito bonito. Ela é artista. Ela é grafiteira. E esse conhecimento é um conhecimento que obviamente faz falta aqui na nave. Faz muita falta o lado artístico, que é esse esse lado lúdico, né? A gente precisa não só de tecnologia, entendeu? Ela pediu demissão. Foi trabalhar em outro lugar, parece que escola. Alguma coisa assim desse tipo. Então quando [suprimido] saiu a gente ficou com certo receio assim de tipo: "ai quem vai substituir? Quem é que vai continuar promovendo o lúdico, as mudanças?

E aí veio veio a [suprimido]. A [suprimido] tem sido um um uma grande potência aqui dentro, porque o trabalho que ela faz com essas crianças, com esses jovens é um trabalho muito, muito bonito, muito forte, muito transformador, né? E tudo que a [suprimido] se propõe a fazer é algo que mexe, sabe? Ela fez uma oficina de Cyber bullying que para mim foi linda. Aquela oficina foi linda, linda, linda, linda! Eu não pude acompanhar 100%, mas eu vi ela promovendo. Eu vi ela trabalhando pela oficina, ela pensando nas ideias. E foi algo muito transformador, né que a gente consegue entender que não é só botar essas crianças na frente um computador e fazer com que elas fiquem ali o dia inteiro consumindo aquilo dali, entendeu?

Um Agente né... onde repassa, informa, educa. Acho que são Enfim acho que são esses os pilares. Obviamente que aqui tem entretenimento, tem entretenimento importante. A gente precisa ser né, a gente precisa se informar, a gente precisa educar. Obviamente que a educação vem de casa. Tem a escola. Mas a gente também tá aqui educando, ensinando o que é o certo na sociedade. Ensinando os valores corretos. Então a oficina de Cyber Bully foi uma oficina muito necessária. De ensinar para essas crianças que bullying não é legal.

Bullying não. Você não pode ofender seu amigo. Não não é bem por aí né Precisa respeitar as pessoas Então são essas eh oficinas ess esses pequenos gestos né que vão potencializando eh eh o nosso dia a dia de de trabalho e a gente percebe que a gente precisa cada vez mais promover isso. Eu acho que seria mais ou menos por aí.

Entrevistadora: Na tua visão o que que é a nave do conhecimento?

Entrevistadx: Ah cara na não de uma forma subjetiva objetiva mesmo é uma instituição que promove eh cursos.

Entrevistadora: Você acha que seria um Telecentro? você acha que é mais do que isso?

Entrevistadx: A gente é um espaço tecnológico que promove tecnologia e inclusão digital. Que coloca o público, os seus usuários ali e eh em frente a tecnologia mesmo. Mas a nave do conhecimento ela ainda não é o que ela precisa ser. Tá mas ela é um espaço tecnologia e inclusão digital que atende a população carioca. Não atende só o complexo alemão. Ela tá inserida aqui no território do complexo alemão, mas ela atende a população carioca, a população Fluminense. A gente a gente recebe pessoas de outros outros municípios também, entendeu? Então a gente tá aqui promovendo tecnologia. Obviamente que entra um pouquinho de cultura, entra um pouquinho de arte. Tá tudo relacionado. Tá tudo relacionado porque não dá para ser puramente tecnologia na pureza da palavra. Não tem como, porque a gente tá dentro de um espaço onde são necessárias a gente entrar com outras demandas. Com outras frentes.

Eu fiz um comentário importante recorrente também para mim, sabe? Porque a tecnologia por si só, né... É uma coisa, né. Mas sempre existe um envolvimento da cultura e das Artes nisso. Até, por exemplo, se a gente for falar sobre tecnologia no design gráfico, na ilustração, no audiovisual. A tecnologia é uma parte integrante da cultura e da arte. E não é não é só uma coisa separada. Só que realmente existe uma uma tradição de se lidar com as coisas como se fossem coisas separadas, distintas, mas não são. Nesse âmbito da tecnologia tá tudo misturado.

Entrevistadora: eu vou procurar entender melhor sobre isso depois. Vou voltar um pouquinho lá naquela pergunta que eu fiz para você sobre os valores. Então aí eu queria perguntar para você rapidamente se tem alguma situação real que você possa me contar que aconteceu aí na nave que esses valores que você falou lá no início da entrevista na primeira pergunta tenham ficado bem claros ou surgindo assim de uma forma muito especial que você queira contar assim rapidamente para mim para eu poder conhecer?

Entrevistadx: ai cara agora você me Pegou de surpresa porque eu tenho uma memória péssima assim e eu não vou conseguir lembrar de algo aqui. Eu vou ter que realmente ir lá no fundo da minha cabeça, porque eu vou te falar... acontecem muitas situações. Mas como a gente também tá muito no automático, a cabeça acaba esquecendo...Enfim deixa eu pensar aqui de alguma situação.

No sábado mesmo eh eu recebi um feedback muito bacana, porque ele chegou aqui na nave para fazer marketing digital comigo. O [suprimido], ele fez marketing digital comigo e assim ele resolveu sair do ramo de segurança para poder arriscar na de design. Montou

uma lojinha lá no alto do morro, bem na porta da casa dele. Eu perguntei para ele: “[suprimido] Por que que você saiu da área segurança onde você tem emprego fixo para poder se arriscar no empreendedorismo”? E aí ele foi falou “ah, porque eu preciso estar mais perto da minha família, eu preciso ajudar minha esposa, eu preciso cuidar da minha filha. Eu quero estar mais perto no crescimento dela. E aí eu resolvi me desafiar principalmente pela minha família”.

E o que eu achei muito interessante é que assim que abriu esse curso de design gráfico a primeira pessoa que veio na minha cabeça foi o [suprimido]. Assim “cara eu vou mandar esse curso aqui pro [suprimido] porque o [suprimido] ele precisa desse conhecimento e é para ele não desistir”. Porque vão vir desafios, né. E aí obviamente que eu peguei e já mandei logo para o [suprimido].

“Se inscreve nesse curso e eu vou falar com o [suprimido] para guardar tua vaga”. E aí falei com [suprimido] assim: “[suprimido] Isso daqui é um ex-aluno meu. Dá uma força Ele. É lá da Alvorada. Ele tá muito focado nessa área de design. Ele montou...” aí eu contei a história pro [suprimido] e guardaram vaga dele. E aí no sábado a primeira coisa que ele fez quando ele chegou aqui foi falar assim: “Joseane não tem noção do bem que você me fez”. Eu falo isso já dá vontade de chorar, entendeu? Porque ele falou assim para mim: “aí... eu realmente precisava estar aqui”. Renovou os sonhos dele, né. A esperança, a fé. Então, isso é fundamental. É isso que um professor faz. Um professor que ele ama o que faz. É para isso que a gente serve. Se a gente não fizer isso, a gente não serve para muita coisa. Nesse Brasil que a gente dentro do nosso contexto, né.... E aí ele me abraçou e pediu Muito obrigado. Ele falou isso: “eu precisava muito desse curso. Muito obrigado por você não ter esquecido de mim, por você ter lembrado de mim. E, cara.... vai ter dias que vai ser difícil vir para cá, mas eu vou tentar levar esse curso até o final”. E eu falei “então assim são as coisas. São são pequenos atos. Eu tô contando uma história do do [suprimido], mas tem várias outras, né. Tem várias outras. Eu eu já tive alunos aqui que chegaram com depressão, com vontade de se matar. Com pensamentos Suicidas. Pessoas que, que vinham para cá e falaram assim: “Eu tô.. nossa... tô saindo bem melhor.

Eu tenho uma aluna, [suprimido], de fotografia, dessa turma atual. São muitas. A gente vai ficar aqui o dia inteiro. É uma garota que tem muitos problemas dentro de casa. E aí eles se sentem à vontade, tá? Graças a Deus. A [suprimido], ela também é aluna do [suprimido] no audiovisual. Ela tem faltado muito, porque a gente sabe que ela tem uma questão dentro de casa. Ela é filha adotiva. A mãe é narcisista. Então ela ela vive um relacionamento abusivo casa com a mãe aí ela é uma jovem queer. Quer explorar o mundo e a mãe quer podar, sabe? E poda ofendendo, poda humilhando, poda tocando na autoestima dela. Então a menina... assim... você vê que ela tem um talento maravilhoso ,mas ela tem inúmeras dificuldades. Então eu e o [suprimido], a gente quis mantê-la né no curso mesmo com ela faltando. A gente comprou a briga. [suprimido] A gente sabe que a situação dela é uma situação diferente, porque a pessoa vai se recuperar depois que passa por uma situação dessa ... às vezes demora mais de um dia depois de uma são de humilhações. E eu falei pro [suprimido]: “a gente não pode perder essa essa aluna, porque essa aluna a gente percebe que ela é diferente. Ela quer tá aqui, mas ela está com problemas, então a gente não pode afundar a pessoa, porque a menina já tá com problema dentro de casa e aí ela vai ter um problema aqui. A gente não pode ser problema, a gente tem ser solução”.

Às vezes a única salvação dela tá aí exatamente. Aí teve um dia aqui na aula de audiovisual que no momento de edição ela teve um gatilho aqui dentro da sala. Ela simplesmente levantou da mesa e e parou de fazer o exercício de edição foi lá pro fundo da sala e ficou sozinha. Eu vi que ela estava sozinha. Eu olhei pra cara do [suprimido]. O [suprimido] olhou assim: “Ué... estranho”. Eu falei: “vou lá conversar com ela”. E vim pro fundo da sala e fiquei um tempão conversando com ela ali.

O restante da turma todo mundo fazendo o que tinha que fazer e ela lá. E aí ela foi e falou que tinha discutido com a mãe, que ela tava pensando em ir embora de casa, que a vida dela tava muito difícil, que ela não tava aguentando mais, que a mãe dela não ouve ela. E que tá sendo muito difícil conviver. Que a mãe dela sempre coloca ela lá para baixo. Aquelas coisas todas, entendeu? E aí eu escutei. Fiz a ação ali da escuta, porque ela precisava falar. Escutei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo que ela precisava dizer. E depois aconselhei.

Obviamente que aconselhei não trazendo esse problema para mim, porque a gente também entende que a gente tem coisas que também não dá para abraçar. Não dá para solucionar tudo. Mas falei o que precisava. E aí quando terminou esse papo ela falou assim: “nossa.... Olha eu vou te falar: a nave é como se fosse um remédio para mim, porque eu venho às vezes... eu entro por essas portas e eu venho tão mal, sabe? Eu venho tão triste, mas eu saio daqui diferente.

Entrevistadora: Eu me reconheço muito nessa fala.

Entrevistadx: Coisa linda. Espaço de acolhimento. “saio daqui diferente..., então ... que bom que você falou essas coisas, porque eu realmente precisava ouvir. Não está sendo fácil para mim, mas eu precisava ouvir tudo isso.

Somos falhos. A gente erra. Mas os acertos são visíveis o tempo todo. Não tem como dizer que não há valores, porque há sim. E você percebe que esses valores realmente influenciam positivamente no prosseguimento das atividades e a vida das pessoas. E muitas das vezes a transformação pode até não ser de fato a pessoa conseguir um trabalho e seguir aquela carreira. Ou se a pessoa vai fazer um curso e conseguir emprego. Pode até ser que isso não aconteça. Na maioria das vezes não acontece. Mas, mesmo assim, elas saem aqui transformadas. Eu acho que é uma sementinha, sabe? Que é plantada. E essa sementinha vai florescer. E ela floresce. E ao longo da vida dela essa sementinha vai florescendo e dá um fruto bonito. Eu acho que é isso.

Entrevistadora: você tem alguma imagem aí? Você que é fotógrafa deve ter algumas imagens assim que você acha que reflete esses valores. Você poderia me mostrar?

Entrevistadx: Ah eu tenho tenho as fotos dos alunos. Elas estão aqui. Eu posso te mostrar

Entrevistadora: Como os valores que você identificou aí na sua interação com a comunidade têm afetado ou afetam o planejamento e a execução das suas atividades na nave?

Entrevistadx: Ah eu acho que afeta positivamente. Porque tudo que eu faço é pensando neles. Inclusive eu tô passando por um processo bem difícil agora de mudança de cargo. Isso é uma coisa que tá começando a me afetar no sentido emocional mesmo. Porque eu sei que vai ser uma transição bem dolorida para mim. Vai ser uma transição bem bem difícil. Hoje chegou a nova professora. E isso de alguma forma me sensibiliza. Eu consigo entender que eu preciso crescer profissionalmente, que eu preciso voar profissionalmente.

Entrevistadora: já tá voando já.

Entrevistadx: isso é algo que eu sempre almejei na minha vida e na minha trajetória. Desde quando eu comecei a me inserir na comunicação, que também tem 11 anos, né.... É o mesmo período da nave. Eu confesso para você que eu já vivi altos e baixos, mas eu vivi mais altos do que baixos, graças a Deus. Eu sempre almejei crescimento e, de fato, tá acontecendo. Mas mas é dolorido. Não é fácil. É um desafio. Mas eu tô aqui para me desafiar. Eu não corro de desafio.

Entrevistadora: acho é um pouco parecido com o que eu tô vivendo. Apesar de eu não ter tido uma oportunidade de crescimento, mas eu tô no processo de crescimento também com o doutorado. O que eu digo para você assim, fora da entrevista, é que a gente não tem asa naturalmente. A gente não nasceu passarinho. Então, quando a gente voa é natural que a gente sinta frio na barriga. Tem uns desafios que a gente nunca experimentou na vida e agora a gente tá pela primeira vez vendo. Entendo você. Você vai receber uma professora pela primeira vez quando você era a professora. Então você vai ter que lidar com a sensação de que agora ela que vai realizar do jeito dela as coisas. Vai ter que aceitar. Vai ter que acolher ela também, porque ela também precisa de acolhimento. É outra pessoa né. Também tem os sonhos dela.

Entrevistadx: isso eu preciso lidar e eu eu quero lidar bem com essa mudança. Eu tô passando por esse momento de transição e esse momento de transição me motiva cada vez mais a querer acertar. Então eu acho que me afeta positivamente, mas também tem várias outras questões aí.

Entrevistadora: Mas você agora é uma multiplicadora. Você fez o seu trabalho, aprendeu a fazer ele bem, agora você vai multiplicar esse trabalho, seja aí na nave... Pode ser que um dia você seja diretora, sei lá, de todas as naves. E aí você já vai saber multiplicar. Esse é um processo natural que, às vezes, não dizem pra gente que é assim. Mas é assim. Alguns têm que passar pelo mestrado, doutorado, aí depois só vai ser reconhecido, se é que vai ser reconhecido um dia. Você já tá aí. Como você tá aí no território, acho que também tem essa potência. De você ser daí.

Entrevistadx: E aí não foi rápido. 11 anos é muita coisa.

Entrevistadora: Mas é um processo. Eu também tô 7 anos na área de informática.

Entrevistadx: Mas desses 11 anos assim e eh foram muitas surpresas boas né foram muitos momentos de muito crescimento. Então sempre foi positivo, assim, sempre sempre foi positivo. Em nenhum momento foi negativo. Assim acho que é isso.

Entrevistadora: Como as suas decisões no trabalho aí na nave dependem desses valores que você identificou?

Entrevistadx: Ah todas.

Entrevistadora: falou colaboração, responsabilidade social, amor ao próximo. O que mais você falou?

Entrevistadx: ah, eu falei comprometimento, amor, acolhimento, escuta afetiva. Como as decisões dependem disso aí? Todas as decisões dependem disso. Todas. E não tem como eu escrever. Não tem como eu fazer um slide sem pensar nesses valores. Como é que eu vou fazer um slide sem estudar como é que eu vou pautar um conteúdo em sala de aula? Se eu não estudar, se eu não me preparar, todos esses comprometimentos caem por terra. Porque, se a pessoa tá entrando nesse lugar buscando transformação, ela tá me vendo e aí elanão só a mim.... mas todos os educadores e todas as pessoas que fazem esse lugar funcionar. Ela tá vendo a gente né como como um agente que vai trazer essa transformação pra vida dela. Então eu jamais posso entrar nessa sala de aula vazia. São vidas. Eu preciso todos os dias me lembrar disso. Não que a vida dela dependa da minha. Não é bem assim. A vida de cada um depende de inúmeras coisas para acontecer e para dar certo. E para dar errado também. Mas ela tá entrando nesse lugar aqui buscando uma transformação. Ninguém entra aqui de bobeira não. Acredito nisso, tá? Ninguém entra aqui para passar o tempo.

Entrevistadora: impressionante, né? Até eu também. Eu não sei. Cara é impressionante isso. Eu percebo isso aí também. Parece ser uma energia assim.... parece um vórtex que puxa só quem precisa de alguma forma.

Entrevistadx: Ou vai acontecer alguma coisa que a gente não sabe ainda. Eu de maneira nenhuma posso falar para você: "Ah tem aluno aqui que vem para encher meu saco. Não. Isso não existe. A pessoa entra aqui porque ela tá precisando de alguma coisa. Às vezes ela entra perdida, ela não tem muita noção, mas ela sabe que ela tá precisando de alguma coisa e ela chega aqui. E ela vai se achar. E no final de tudo ela ainda vai dizer: "caramba é isso. Era isso. Agora eu sei que é isso. De maneira nenhuma posso entrar também na sala à toa, totalmente vazia, e ensinar algo. É tremendo assim. Ensinar não é para qualquer um. Quem não entende a responsabilidade do que é você promover o ensino vai fazer outra coisa da vida. Eu entendi essa responsabilidade logo nos primeiros dias que eu comecei a dar oficina fora da nave, porque eu não comecei a dar oficina aqui dentro. Eu já dava aula fora da nave. E sempre atendia mulheres e empreendedoras. Olha isso. olha que responsabilidade. O Negócio delas depende do conhecimento que você tá replicando. Então eu sempre entendi essa responsabilidade. Então esses anos todos eu tentei dar o meu melhor. Eu sei que eu vou dar aula em outros lugares. É uma pausa. Não quero sair da sala de aula de maneira nenhuma. Eu já entendi o que eu gosto de fazer. Eu já entendi o que eu quero fazer. Tanto que vou pro mestrado. Essa é uma decisão que eu tomei. Eu só preciso me preparar para você ver. E para esses novos desafios eu gosto de estar na sala de aula. e eu acho que são esses valores que estão pulsando dentro de mim o tempo todo. Não tem como. Assim não tem como. Eu chego aqui todos os dias preparadíssima. Eu posso estar cheia de problema na minha vida, mas eles ficam lá fora da porta. Do lado de

fora. E aqui é a [suprimido] que realmente precisa fazer o seu papel. Porque eu preciso impactar vidas. E tem vidas que estão ali esperando ser impactadas. Eu acho que é mais ou menos isso.

Entrevistadora: obrigada. Eu vou mudar um pouquinho. São duas últimas perguntas para acabar esse eixo. São só mais dois eixos. Só que os outros dois são menores. São três eixos.

Para você, com que objetivo as naves do conhecimento foram feitas?

Entrevistadx: É máquina política. A gente não pode ser hipócrita. Obviamente que isso aqui foi construído... na época do PAC governo Lula. A gente entende. Eu, pelo menos, que sou eleitora do Lula, a gente entende que o governo dele tem uma preocupação social diferente daquilo que a gente está acostumado a ver. E geralmente assim o Lula ele tem essa questão social muito gritante. É por isso que eu voto nele. Esses projetos... ele é um estadista. Ele pensa no povo pobre. Ele pensa na educação. Ele tem aí como pauta é cada vez mais mudar a vida do pobre nesse país.

Obviamente que ao longo desses anos todos aí de governo do PT, a gente teve né e eh inúmeras coisas positivas como a gente também teve coisas negativas. O país se polarizou. Isso é um problema que a gente tem hoje em dia. E, dentro dessa polarização, tiveram muitas mudanças. Teve uma época que a nave passou pelo governo do Crivela. Foi a pior fase da nave, porque Crivela cagava e andava para esse lugar. Mas a gente não pode esquecer que isso aqui é equipamento político. A primeira primeira situação de todas é isso. Não esquecer que se isso é um equipamento político.

Hoje em dia com Eduardo Paes a gente consegue realizar um trabalho tranquilo. O Eduardo Paes, ele é um político diferenciado. É um cara que se preocupa em promover tecnologia. Tem questões também na área de educação do município que a gente sabe quais são. Mas é um cara que tá querendo cada vez mais que a população carioca tenha lazer, tenha tecnologia. Há cada vez mais manifestações culturais e artísticas. Isso cada vez mais entre na vida das pessoas.

A gente percebe isso. Que a maioria dos projetos do Eduardo Paes tão aí mais ou menos nessa vertente. Mas também é um político que deixa desejar em muitas coisas. A gente sabe disso. Mas a minha pergunta é: "no dia que Eduardo Paes sair da prefeitura, o que que vai ser da nave? Por isso que eu falo que isso aqui é um equipamento político. Sempre tem que estar isso em mente para disputar esse espaço também, né. Porque se não disputar o espaço ele vai botar gente de fora. Não sei se conseguiriam, mas tentariam botar pessoas indicadas aí que não tem nada a ver... que não vão agir de acordo com os interesses das pessoas do território exatamente.

Então é um espaço político que depende de muitas coisas para poder funcionar. Hoje eu fui para a [suprimido]. Amanhã pode chegar um político aqui pedir meu cargo. Então essa é a maior dependência que a gente tem. Esse esse espaço ele infelizmente depende de agentes políticos para acontecer. Eu acho que o cenário ideal era que isso aqui não fosse uma dependência política. Que não dependesse de um político para essas portas estarem abertas. Então, na verdade a minha resposta ela fica muito a quem do futuro. O que que vai

ser da nave no futuro. No dia que Eduardo Paes sair. Porque vai acontecer esse dia. Nenhuma prefeitura é para sempre. Nenhum político fica na prefeitura para sempre. A gente sabe que enquanto Eduardo Paes estiver na prefeitura as portas estarão abertas. Mas e depois? O que que vai ser da nave? Então eu sempre trabalho com o pensamento de que eu preciso promover o hoje porque amanhã é um futuro incerto. Então eu acho que é mais ou menos por aí a minha resposta. Não sei se eu consegui responder.

Entrevistadora: você conseguiu sim.

A última pergunta desse bloco é então que é tá relacionada com essa que você acabou de responder, é o que você acha que pode ser melhorado para que as naves do conhecimento efetiv então cumpram o seu objetivo?

Antrevistadx: Ah, muita coisa. Muita coisa. Eu acho que precisa ser melhorado são os professores comprometidos. A gente recebe muito feedback de outras Naves. As outras Naves não trabalham como a nossa. Não trabalham. Não gosto de ser arrogante nesse sentido, tá? Não sou a pessoa que acha que eu sou a fodona. Nada disso. Mas a gente recebe feedbacks de outras Naves, de pessoas que chegam aqui falando que passaram a ir e não foram bem recebidas. Que, sei lá, fizeram curso em [suprimido] e professor só lia o slide. Então a gente consegue perceber que existe uma diferenciação de naves, existe um um trabalho...., de os que trabalham obviamente de maneiras completamente diferentes. E aí eu posso e devo também fazer o meu papel social como cidadã. Isso é uma cidadã que tá aqui também. De reclamar também através desses feedbacks que a gente recebe aqui de pessoas que... “nossa... eu fui lá na na Nave de não sei aonde e não fui bem recebida. A recepção mal fala com a gente, mal olha pra nossa cara”. Então a gente recebe esses feedbacks.

Eu acho que pode melhorar isso... cada vez mais ter uma gestão comprometida. Eu acho que promover cada vez mais treinamentos e especializações para esses professores. Treinamentos para a recepção, acessibilidade, que é algo que muita gente reclama. Tem essa questão. Ainda da falta da acessibilidade. “Ah mas tem uma rampinha”. Gente, rampinha não significa nada. Só o fato de ter um elevador não significa que estamos promovendo acessibilidade. Não é bem assim. Acessibilidade. A palavra acessibilidade ela precisa ser contemplada de uma maneira muito mais profunda. Não é porque a gente tem um professor que conhece a linguagem de libras que de fato estamos promovendo a acessibilidade. Não é bem assim. Então a gente precisa de fato ser acessível na pureza da palavra mesmo. Em todos os âmbitos. Então falta ainda a questão de acessibilidade, que eu acho que precisa melhorar. Eu acho que precisa melhorar também a quantidade de naves . Acho que precisa ser construída mais Naves. Acho que tem que ter uma verba pública. Uma verba pública de investimento total em Naves. Assim... Naves dentro das escolas. Eu acho que a comunicação também, em geral, tem que ser mais efetiva. E aí como comunicadora, eu venho de uma escola de David Amen. Eu venho uma escola de David Amen foi produtor de comunicação da nave do conhecimento no início da nave. Naquela época a comunicação se fazia com rádio poste. Fazia com faixa de ráfia. Faixa de ráfia aham em todas as entradas da favela. Para vir fazer curso.... Esse lugar aqui ficava lotado. A gente recebe muitos alunos. Ô [suprimido], a gente vem de um tempo que isso daqui lotava ao ponto da gente ter que fazer sorteio pros cursos.

E do pessoal vir aqui reclamar: “você estão sendo injustos”. Ah, imagina! Então, assim, a gente fazia comunicação com carro de som passando de rua em rua para poder trazer as pessoas aqui para dentro. A gente pegava um totem e ia buscar aluno do lado de fora. A gente botava isso na entrada das favelas e inscrevia as pessoas no curso na entrada das favelas, entendeu? Então eu venho dessa escola. Muito bom, né? É muito bom.

Eu acho que a comunicação teve algumas mudanças. De secretaria, de secretários. E você sabe que cada um pensa diferente.

Eu sei que a gente tem que mudar de pergunta, mas eu acho que eu preciso muito aprofundar essa a resposta dessa tua questão. Infelizmente tem coisas nesse país que não se mantêm. E o que exatamente é algo que tá dando muito certo.... vem uma nova secretaria, vem uma nova chefia e a pessoa pega aquilo dali que tá dando certo e muda. Porque a pessoa tem esse ego de achar que o que ela vai promover é melhor do que o que o outro tava promovendo. Então não tem continuidade. Isso é péssimo. A comunicação das naveas era uma comunicação - pelo menos da nave da Nova Brasília - que obviamente tinha os seus erros, tinha suas falhas, porque ninguém é perfeito, mas era uma comunicação efetiva. Era uma comunicação efetiva e hoje a gente tem uma comunicação que as pessoas têm a mania de achar que “ah ... é só um banerzinho que eu vou subir lá nas redes sociais e eu tô comunicando. Comunicação não é isso né. Comunicação não é isso: “Ah, eu vou fazer um textinho aqui no chat GPT, vou postar e acabou”. Não é isso. Não é assim que você vai conseguir chamar as pessoas para dentro da Nave do conhecimento. Não é assim que você vai conseguir promover de fato uma chamada de ação e um marketing desse lugar, entendeu? Tem vários outros outras formas de fazer uma comunicação ampla e efetiva. E, às vezes, utilizando esses esses equipamentos como forma de comunicar e trabalhar o marketing daquele lugar.

Então o que a gente faz hoje de comunicação é muito pouco. É quase nada. Então eu tenho uma crítica muito profunda em relação a isso. Muito. Quando eu entrei para a nave eu não ia dar aula, eu não ia dar aula, tá? Eu ia para comunicação só. Trabalhar na comunicação como o [suprimido] trabalha. Na mesma posição. Esse cargo seria meu. Graças a Deus eu me especializando em marketing aconteceram algumas situações institucionais e eu vim dar aula. E eu vou te falar, eu agradeço todos os dias ao universo por ter vindo dar aula. Porque se eu ficasse na comunicação não ia dar certo. Porque eu não consigo trabalhar com uma comunicação podada. As pessoas tendem a achar que comunicação hoje dia é só Instagram e Facebook e acabou. Não é isso.

Entrevistadora: Inclusive as coisas antigas da comunicação continuam funcionando, né? Tipo a rádio daí. Muito bom.

Entrevistadx: Exatamente. O marketing da vovó é o melhor marketing que tem. Ele é popular também. Todo mundo tá ali. Não precisa ter um celular, não precisa ter nada. Então... existem outras formas de se comunicar e isso se perdeu. Infelizmente. E aí as pessoas têm essa mania assim mesmo de não dar continuidade àquilo que dá certo. E aí tem que ficar lidando com essas mudanças, que é algo que é extremamente ruim. Então eu acho que é isso. O que precisa melhorar? A comunicação acho que precisa melhorar. De fato o comprometimento cada vez mais eu acho que é essencial. Esses professores terem formação. Não dá para contratar pessoas sem formação, entendeu? Tem

que ter uma formação. Tem que ter vivência na área. Tem que ter, porque é um trabalho que de fato ele não pode ser um trabalho eleitoreiro. A nave não pode existir somente.

A gente sabe que é um projeto maravilhoso, mas que tem seus problemas e a gente não pode passar peneira nos problemas. Tu não pode pegar os problemas e jogar para debaixo do tapete, entendeu? Tem coisas que precisam ser ditas e eu recebo esses feedbacks. Eu recebo porque as pessoas te reconhecem também como uma liderança local, que é uma outra coisa diferente de ser somente [suprimido].

Entrevistadora: Ah com certeza

Entrevistadx: Falam realmente que a nave do Engenhão e a nave da Nova Brasília são as melhores naves que tem. Porque no Engenhão e a nave da Nova Brasília de fato estão fazendo um trabalho da forma que tem que ser.

Entrevistadora: É vou anotar isso aí tudo. Eu só queria acrescentar, assim, trocar com você com relação ao que você falou. Eu também sou uma pessoa que trabalha na área da tecnologia. O que eu percebo é que as pessoas, com relação às tecnologias que você falou que vão mudando... não usam as coisas antigas na tecnologia mais. O ancestral. Que as pessoas ficam muito... sempre deslumbradas com a pirotecnia, porque muitas vezes é o que vende. A gente vive no mundo capitalista e esquece por exemplo que naquele saquinho que tinha o pão da padaria, que tinha o telefone ... aquilo ali é super bom, porque você já tem um WhatsApp, então da próxima vez você vai pedir... Então são coisas antigas que funcionam super bem, só que as pessoas não querem. As pessoas querem usar o que é muito recente, que tá na Trend, mas assim, enfim é meu comentário em cima disso aí. Pirotecnia é bonito, mas assim, como é que a gente pode aliar o passado ao presente. Que aí entra na minha área específica, que é o design, entendeu?

Entrevistadx: Sim

Entrevistadora: como é que você pode desenhar isso aí melhor? Eu tenho um monte de coisa aqui ... essas coisas novas, essas coisas antigas.... Como é que eu posso desenhar uma coisa que seja mistura disso tudo aqui e que sirva realmente pro que eu preciso? Seja eficiente?

Entrevistadx: Isso me dá um ranço sabe?

Entrevistadorx: é... também me dá isso. Eu acho que as pessoas precisam acordar que não é só para mostrar é para realmente funcionar. E aí a gente tem muitos problemas por conta disso, por conta das coisas que sabe que se perdem no meio do caminho e que são essenciais. Vou te dar um exemplo que não é disso mas que é um exemplo que eu acho que é importante falar também. Imagina que vem sei lá eu, por exemplo, faço doutorado, tô aí fazendo oficina. A pessoa..... "Nossa essa professora que faz doutorado na Ufrj não sei o que... vamos chamar ela para ser.... aí esquece da outra professora que tá lá há anos construindo aquele trabalho e aquele trabalho funciona. Aquele trabalho tá ali transformando vidas, mas por conta de ser uma coisa antiga, uma coisa que já se tem há muito tempo, vocês estão acostumados e, não se dá valor àquilo que é bom em troca do que é novo.

Claro. Existe uma importância em estar desenvolvendo um trabalho na área, mas existem outras coisas também que estão sendo feitas. Qual o tipo de trabalho que tá fazendo? Então tem que ver o que que funciona, né? O que que tem aí bom.

Passando pra outra parte da entrevista que é sobre identificação de potenciais para o trabalho com dados, que é a minha área né específica eu queria saber de você pode dar resposta curta nessa fase, tá se você quiser. Quais são as atividades da nave do conhecimento de Nova Brasília que possuem maior procura do público visitante?

Entrevistadx: Quais são as atividades da nave que possuem maior procura/ engajamento do público que é participante visitante.... A informática básica para todas as idades, porque a gente separa em Senior e Kids. E público jovem barra adulto. Informática é sempre um curso que não pode deixar de acontecer, tá? Não pode tirar ele da programação. É uma exigência da prefeitura ou não tem obviamente uma exigência da prefeitura. Mas mesmo se não fosse uma exigência da prefeitura é um curso que a gente não pode tirar. É uma percepção interna. É uma necessidade. É uma necessidade do público mais do que uma exigência. Uma necessidade. Então, percebe. É o curso de Excel que é essencial, né. Vem muita demanda mesmo de pessoas que precisam do curso de Excel para trabalho, né. Pra botar ali no currículo que tem o curso de Excel. Isso é um diferencial.

Entrevistadora: com certeza. Eu também fiz o meu curso de Excel quando eu precisei lá atrás no tempo.

Entrevistadx: Exatamente pra vida então o curso de Excel sempre fica cheio. Ele sempre tem engajamento. O curso de fotografia obviamente, porque ele é o carro chefe. O curso de fotografia, ele não tem em todas as naves. Ele só tem aqui na Nova Brasília e no Engenhão. O curso de fotografia é um curso muito caro. As pessoas que desejam se formar nessa área, ou elas aprendem pela internet ou elas aprendem simplesmente pegando a câmera e sendo autodidatas. Mas as pessoas entendem que elas precisam do diploma. Elas precisam do certificado, entendeu? E aí, quando ela vai para um SENAC da vida, ela se depara com um preço exorbitante. Quando ela vai para um Atelier da imagem da vida, que é uma escola de fotografia que tem ali na zona sul, ali perto da Urca, se eu não me engano é acho que é na Urca sim, ela se depara com valor exorbitante. Quando ela procura um curso de fotografia dentro do Parque Laje, na escola do Parque laje, ela se depara com um preço... meu Deus do céu....

Qual é a pessoa que é pobre ou classe média...?

Entrevistadora: Eu, por exemplo, não posso fazer também os cursos do Parque Laje.

Entrevistadx: Poderia se eu tivesse dedicado minha vida a isso. Poderia... mas hoje eu gostaria de fazer um curso livre e é caríssimo. Não é para qualquer pessoa, porque a gente se organiza e faz, mas tem gente que nem se organizando vai conseguir fazer. Ganha um salário mínimo ou menos. Eu vou me organizar para fazer esse curso. Mas é aquilo... vou tirar do meu salário, entendeu... para poder pagar. Fazer uma concessão. Isso a gente precisa fazer dessa forma porque senão, se também não fizer, não rola. É igual ao curso de Drone. O Drone ele é uma necessidade hoje pra área da comunicação, pra galera que tá fazendo audiovisual, pra galera que é da área da fotografia. Tem demanda de emprego pra área de Drone. Hoje a pessoa que tem o conhecimento em Drone já tá com emprego

garantido, entendeu? E aí eu fui ver um preço do curso de Drone.... meu Deus do céu a... assim, tem no Senac. Eu vou fazer assim que eu for [suprimido]. Eu vou fazer esse curso.

Entrevistadora: é um bom momento para você investir mais na sua formação, né?
[suprimido]

Entrevistadx: exatamente. Eu já até pedi [suprimido] pra fazer esse curso duas vezes na semana no SESC, no Senac. É isso. Eu ainda tenho que ir pra zona sul para poder me formar.

É o que eu te falo. Entendeu? As pessoas aí querem fazer fotografia. Elas querem se formar nessa área. A gente tá aqui atendendo essas pessoas que querem conhecimento nessa área. Então o curso de fotografia ele é uma demanda que gera um engajamento e que sempre vai ter engajamento. E, olha, eu vou te falar... que a nave ainda continue aberta por muitos e muitos anos, porque no dia que isso aqui fechar e que político não quiser mais saber disso aqui, você pode ter certeza que vai ser uma deficiência enorme na área da fotografia. Uma tristeza pras pessoas que moram aí também. Porque já estão acostumadas a usar e tal. Muita tristeza aí.

A gente também tem o audiovisual. Você ainda não teve a oportunidade de vir em nenhum dia de audiovisual aqui. Mas, no dia venha, porque você vai ver é a quantidade de alunos que a gente tem em audiovisual. Todos engajados. Não faltam. São religiosos, né? A gente agora vai começar a fazer a produção final. Produzir o nosso.

Entrevistadora: que legal!

Entrevistadx: Tem muito engajamento o audiovisual. É audiovisual e fotografia. Claro..., mas a gente também tem obviamente várias outras demandas, mas com cursos que a gente pode deixar de abrir. E o marketing digital. Porque a gente tem muitos empreendedores locais, pessoas que entenderam que precisam colocar os seus negócios nas redes sociais. E isso é fantástico, porque a partir do momento que o empreendedor de favela entende que ele precisa da internet e que ele precisa das sociais a seu favor e ele vai buscar esse conhecimento.....

Obviamente que todos todos os cursos são cursos que a gente consegue encher, que a gente consegue ter demanda.

Entrevistadora: O curso de artesanato você ele teve um tempo depois parou né?

Entrevistadx: curso de artes, especificamente manuais... o que acontece. Como existe essa exigência de tecnologia, a gente pode inserir os trabalhos manuais. A gente obviamente que vai inserir, né, com certeza, vai inserir tudo que a gente puder fazer e inserir trabalhos manuais artesanais. A gente vai inserir. A [suprimido] faz muito isso.

Entrevistadora: é.... tecnologia não precisa estar ligado ao computador. O papel é uma tecnologia. O livro é uma tecnologia.

Entrevistadx: Mas não é todo mundo que entendeu isso.

Entrevistadora: Na prefeitura que você diz ou no no público que vai assisti?

Entrevistadx: na prefeitura, entendeu? Na prefeitura é isso. Tem essa coisa engessada, né, da burocracia de entender que tecnologia fica o tempo todo colado num equipamento.

Entrevistadora: Mas de repente é melhor justificar quando for escrever o projeto. Igual ao que eu tava falando de arte com dados. Às vezes é pintando papel. Mas é uma forma de você trabalhar uso da tecnologia. Entendendo o pensamento computacional.

....Mas é porque a falta de conhecimento que a gente chega lá na frente... eu também não sabia, também sou estudante até agora, apesar de já ser pesquisadora. Mas a gente vai descobrindo e as pessoas fora do país usam [computação desplugada]. A gente não pode usar. A gente fica limitado. E aí filho do dono do Facebook só vai usar celular quando tem 11 anos. Só vai usar celular quando tiver 14 anos.... filhos das pessoas ricas ... usam pouco o celular. Então aí a gente forma as nossas crianças para ficarem o tempo todo no celular e a deles estão aprendendo a pensar para depois você inserir tecnologia.

Entrevistadx: Eu sou totalmente contra isso. A gente teve essa experiência de vida por causa da nossa geração que não tinha essas coisas. Eu só inseri o celular na vida do meu filho porque [suprimido]. Se eu pudesse não inserir isso na vida do meu filho demoraria mais um pouquinho. Mas assim, graças a Deus, eu tenho um filho que gosta muito de pesquisar as coisas do mundo. Ele gosta. Ele assiste muito, sabe... vídeo educativo. E assim ele tá sempre por dentro dos assuntos.

Mas eu sei que isso não atende todas as crianças da idade dele.

Entrevistadora: Quais são os cursos que são procurados de forma mais contínua?

Entrevistadx: Quais são os cursos que são procurados de forma contínua? Vou ter que repetir. Excel. São os mesmos.

A recepção tem esse treinamento, né, de explicar pra pessoa que tá ali na recepção e que ela não conhece aquele determinado curso. Ela não ouviu falar daquilo. A recepção vai explicar o que é, qual é o conteúdo que vai ser abordado. A gente acaba recebendo muitos alunos que chegam aqui na sala de aula assim “ah eu me inscrevi porque a recepção que me explicou e isso é legal né. Papel da da recepção que vai além do que é a recepção mesmo. É isso que eu te falo. Que a comunicação vai muito além. Isso é uma forma de comunicar. Concorde comigo ou não? Certeza! Porque a pessoa não pode simplesmente abrir o site e ler lá um monte de coisa, entendeu? E aí isso significa que a pessoa entendeu. Não. Isso não significa. Ela vai olhar porque é isso, né. Tem alguns nomes dentro da tecnologia que assustam. A maioria das vezes em inglês. A pessoa não detém daquele conhecimento. Quem é que vai abrir a porta para para fazer com que o receptor entenda a mensagem? somos nós. Eu. Nas suas aulas, você às vezes

Entrevistadora: eu assisti algumas aulas no início em que você falava alguns termos que eram em inglês em português. Termos tecnológicos. Você faz de propósito ou você já usa esses termos em português? Você falava, mas de uma forma como se você estivesse lendo em português a palavra que é em inglês.

Entrevistadx: verdade. Então, obviamente que principalmente no marketing são muitas nomenclaturas em inglês. Até na minha especialização tem professores que, cara, vamos botar o português aí porque a gente tá no Brasil. Então é isso. A gente que tem que promover essas mudanças também. Nem tudo que vem de fora tem que ser imposto e tem que ser replicado, entendeu? Então eu sempre tô também na sala de aula preocupada em em traduzir, porque eu entendo que o conhecimento do outro pode ser algo limitado.

Então, assim... eu já passei por isso também em outros locais que eu trabalhava. Eu não sabia o que era deadline. Cara, não sabia. Eu não tenho obrigação também. Não sabia não. Tive que aprender. E fui chamada atenção, porque eu não sabia o que que era Deadline.

Então a gente tem essa preocupação de sempre instruir a recepção de tipo assim: a pessoa perguntou e ela não sabe o que é, instrui, porque a pessoa não pode ir embora daqui sem saber que é que aquele curso significa. Porque a gente entende que tem uns nomes que são completamente tecnológicos e isso assusta as pessoas. Podcast, por exemplo. Quando a gente fez oficina de Podcast, tinha gente perguntando. Não sabia o que é que era isso. E tá tudo bem não saber. A gente vive realmente num país desigual e a gente sabe que não chega educação para todo mundo. E a gente tá aqui justamente para promover esse conhecimento, entendeu? Então você não pode excluir a pessoa. Você tem que acolher, entendeu? Então, gente, isso é uma das coisas que a gente se preocupa em fazer. Obviamente que a gente não é perfeito. A gente tem as nossas falhas. Mas a gente se preocupa em promover essa mudança

Entrevistadora: E que tipo de atividade você gostaria ou sente falta que haja na nave hoje?

Entrevistadx: Difícil isso, porque a gente acha que já contempla tudo. Mas obviamente que tem algumas coisas que faltam. Por exemplo, semana passada a gente recebeu uma pessoa aqui que se disponibilizou para ser professor voluntário de copy. É uma demanda de marketing, tá? Copyright seria redação publicitária, sabe? Seria um acontecimento, né, trabalhar copy com a galera. Mas a gente também entende que se a gente for receber essa pessoa que quer se voluntariar, ele também precisa entender que ele tem que ir com calma. É uma demanda para a sociedade local. É uma demanda do território. É uma demanda.

A gente precisa entender que tem coisas que a gente pode trazer de conhecimento para a nave, mas que também tem que ir com calma, entendeu? Podcast por exemplo. Podcast foi uma oficina que eu tentei implementar e não deu muito certo, porque podcast na teoria Ok, mas na prática a gente não tem equipamento. A gente tem uma sala aqui parada, entendeu? Isso é um Desafio para a [suprimido] e para a [suprimido]. Falta o equipamento. Falta equipamento, mão de obra. É um desafio realmente, porque ideia é expandir essa sala, crescer ela realmente de tamanho.

Entrevistadora: Música é uma coisa que dá pra gente fazer nas oficinas. Dá pra eu ajudar nessa parte, porque na parte de diálogo sobre dados a gente pode criar alguma coisa tipo podcast, botar eles para poderem falar e tal chamar pessoas.

Entrevistadx: Tem procura. Tem demanda. A gente vai ter gente querendo participar. Se chamar o Davi você vai ter monte de gente querendo falar sobre dados e tem muita coisa a dizer também. E a gente também tem músicos que querem, artistas locais que querem utilizar, gravar. Sei lá, seu episódio, sua música. Mas não consegue utilizar, porque tá parado. Então isso eu acho que a maior importância hoje de fato, o maior desafio, mais importante que a gente tem é de fato botar essa sala para funcionar.

[suprimido] tinha essa preocupação. Foi embora daqui. Não conseguiu. Agora ele passou o bastão pra gente. E aí agora vamos ver como é que vai ser. Mas tem algumas atividades que a gente entende que é necessário e que obviamente que a secretaria também pede. A gente sempre tem que vir com demandas novas, com cursos novos. E de alguma forma daqui a pouco ou daqui há alguns meses a gente vai ter que sentar para pensar em inovação, porque todo início de ano tem que ter cursos inovadores. Acho que é isso.

Entrevistadora: Essa é a parte que eu quero identificar as habilidades da nave dentro do cenário de dataficação, então vou fazer algumas perguntas bem objetivas só assim pergunta-resposta.

Para você o que é dado?

Entrevistadx: ai cara...

Entrevistadora: não tem resposta certa não. Eu quero saber a tua visão, porque é importante saber a tua visão. Cada um vai ter uma visão diferente e que vai vai formar aí essa visão que a gente precisa desenvolver.

Entrevistadx: Eu acho informações de um determinado assunto, tema. Informações que vão determinar características importantes de um local, de uma pessoa ou de, enfim.... É como vejo. Como se fosse um censo essencial de determinadas temáticas e que a princípio pode até não fazer sentido algum, mas que faz sim. Entendeu? Dados são essenciais para vida, né. E de inúmeras, em inúmeras Vertentes, porque é uma temática que pode ser muito ampliada. É muito plural. Dados é muito plural, né. Porque pode ser, enfim, pode ser algo numérico, pode ser algo relação à quantidade, algo relação à qualidade, eu acho que pode ser características gerais de uma pessoa, ou de uma família, ou de um clã, como também pode ser dados sobre informações básicas ou informações simplificadas, ou muito mais profundas. Mas eu acho que dados é algo muito essencial na vida do ser humano em todas as vertentes. Vou só anotar um negócio aqui rapidinho. Espero que eu não tenha falado besteira. Falei besteira?

Entrevistadora: não. vocês nunca falam besteira.

Entrevistadx: já vai me dando umas ideias assim durante a entrevista. Tem que anotar, que se não nunca mais eu tenho. Eu já tive a experiência de não anotar e aí fiquei perdida depois.

Entrevistadora: e para você o que é informação?

Entrevistadx: Ah cara... Informação é tudo. Como viver nesse mundo sem informação, né? Informação abre portas. Informação tira a gente da prisão, sabe? Obviamente que nesse mundo de informações que a gente tá vivendo com o avanço da internet, com a web aí 4.0 a gente já daqui a pouco tá chegando, daqui a pouco a gente tá chegando na web 5.0, né? Obviamente que a forma como a gente consome essas informações ela precisa ser muito analisada, obviamente, por uma questão mental, psicológica. Todo ser humano está lidando bem com essa quantidade de informações. A gente tem altos níveis de ansiedade. A gente tem altos níveis de suicídio, né. E a informação também está inserida nisso. A internet. Os juízes da internet. A era do cancelamento. Tá tudo envolvido aí nessa quantidade de informações que a gente consome, entendeu?

A gente que é nascido nos anos 80, nos anos 70, a gente vem de uma outra época, que era uma época.... sei lá..., eu acho que era até mais saudável. E começa ali nos anos 90 vir essa era da informação dando porrada na nossa porta e aí isso gera uma ansiedade também, porque se você não se adequa. Se você não entra nesse estado de adequação, o sentimento que você tem é que você está ficando para trás. Então eu acho que também precisa ter um trabalho muito de cada um se perceber dentro desse fluxo de informações. Até onde eu posso ir e consumir essas informações? Quais são as informações que de fato são essenciais para a minha vida? Porque tem informação que não é essencial, tem informação que não é válida, tem informação que não vai agregar nada na minha vida. Ao mesmo tempo que informação é necessária e tudo.

Principalmente nesse né nesse momento que a gente tá vivendo a gente tem que fazer um filtro dessas informações, porque essas informações estão sendo emblemáticas na vida de algumas pessoas.

Entrevistadora: E para você o que é literacia de dados?

Entrevistadx: literacia de dados, cara é um conhecimento que eu tô cada vez mais inserindo isso na minha vida, porque eu sou completamente do modo analógico. Então eu também estou aprendendo a entender a importância dos dados na minha vida. E entender a tecnologia e a sua importância nesse exato momento. Eu tô fazendo especialização na [suprimido] e às vezes me dá até uma determinada ansiedade, porque eu vejo que tem vários outros alunos que detêm um conhecimento que ainda não chegou para mim.

Entrevistadora: Mas é isso aí. Você também detêm outros conhecimentos que não chegaram para eles ainda.

Entrevistadx: exatamente. Eu consigo perceber isso, mas isso gera uma ansiedade, né. Certeza também do que é literacia de dados eu de fato não consigo ainda te responder, porque eu tô aprendendo ainda. Eu tô entendendo, né. O que são Dados e a importância deles. Mas eu consigo entender que é um conhecimento essencial, principalmente nessa área tecnológica que a gente tá vivendo.

Entrevistadora: De repente, tô pensando aqui, poderia a gente fazer uma oficina sobre o que é literacia de dados, porque na verdade tem definições né. De repente falar sobre o que é pode ser uma oficina para quem se interessar.

Entrevistadx: É, mas eu acho que literacia dados seria a importância do letramento né das informações. É um conhecimento que é escasso ainda. Vai dar demorar para chegar na vida de todo mundo. Tá chegando na minha vida agora.

Entrevistadora: De repente então seria interessante fazer uma oficina para dizer o que que é. Todo mundo sabe o que que é? Agora vamos trabalhar, por exemplo....jornalismo de dados..

Entrevistadx: eu tive jornalismo de dados na faculdade. Tudo a Ver e pô, por exemplo, eu tenho um amigo que se formou junto comigo. Ele é coordenador do fogo cruzado. Você tem noção do que que é a importância do fogo cruzado para a população carioca? Sim, né. É saber exatamente informar para a população eh carioca onde tá tendo operação policial e saber em tempo real e comunicar em tempo real para que a população possa se proteger. Isso é dados, cara. Puro, né. Então, assim... eu demorei para entender a importância dessa plataforma, né. A importância dessa rede. Porque tem muita gente que mora em zonas onde tá tendo confronto diário. E se não entra o jornalismo de dados nisso, como é que fica essa população? Como é que fica? Como é que a gente fica né? Saber quais são..., de fato informar os locais onde estão tendo incidências maiores de assalto. E incidências maiores de homicídio. Incidência de feminicídio.

A importância do jornalismo na área de dados cara vira uma são os dados que vão comprovar, que vão mostrar, que vão fazer descobrir as informações que às vezes ninguém sabe exatamente. Corrupção.... um monte de coisa!

Entrevistadora: trabalhar a literacia de dados dentro do jornalismo de dados seria uma possibilidade. E é isso. Mas eu não sei se a gente vai por esse caminho. Não sei se a gente vai pegar um pouquinho dele só e não vai aprofundar tanto. Porque a literacia de dados vai mais pelo pela alfabetização. O conhecimento pela visão crítica. É mais essa pegada. Saber para que que serve, saber não serve.

Entrevistadx: uhum. Importante. com certeza.

Entrevistadora: e quais foram ou têm sido as atividades realizadas na Nave do conhecimento sobre sobre dados?

Entrevistadx: Na Nave do conhecimento Nova Brasília, a gente entrou mais nessa área de dados mesmo depois que você chegou. Porque até então a gente não tinha. Eu acredito que a gente não tinha. Pelo menos eu, né. [suprimido] chegou agora. Mas [suprimido] na época da [suprimido] a gente não tinha tanta importância assim, né. A gente não sabia. A gente não entendia também como inserir isso no dia a dia desses alunos. Então isso meio que virou a chavinha depois que você chegou. Obviamente os professores área tecnológica, os meninos, [suprimido], eles trabalham muito mais do que do que do que a gente. E tem excel também. No Excel também usa muito.

Deixa eu te falar uma coisa. Existe dados na fotografia.

Entrevistadora: Na nossa oficina a gente vai explorar isso.

Entrevistadx: Naquela eu exploro o conhecimento de metadados. É a única parte onde eu insiro dados. Metadados. Eu não sei se você se conhece essa parte metadados dentro da edição de imagem, onde a gente insere os dados daquela imagem: onde foi, quando ocorreu, que horário foi, o endereço do autor da imagem. Por quê existe uma preocupação muito forte do direito autoral do profissional da imagem. Então a gente tem um, enfim, vários casos de plagio. A gente tem vários casos de pessoas que roubam a foto dos outros e utilizam como se fosse dela. A gente tem vários casos de pessoas que pegam a foto, utilizam e não dão os créditos. E se a pessoa precisar recorrer a justiça. Porque existe uma lei ali do direito autoral que muita gente não entende esse conhecimento, não detém desse conhecimento....

Eu dou essa aula aqui também na nave de direito autora. E aí o que acontece. Eu ajudo. Eu ensino o aluno a inserir esses dados essenciais de proteção da imagem.

Tô pensando em várias coisas aqui. Que por exemplo se tivesse uma um monte de dados assim... Uma planilha cheia de dados de várias eh fotografias... sei lá.... eu tô descarregando do flickr, por exemplo um montão de fotografias. Sei lá. Milhões de fotografias. Eu posso descarregar e também ter esses todos esses metadados numa planilha do Excel, por exemplo. E através dessa planilha eu consigo filtrar quais são as fotografias que tão, por exemplo, sobre licença livre e quais não. Então uma coisa que é uma forma de trabalho dados com pessoas que trabalham na área de fotografia, na de comunicação.

Eu apresento a eles o metadados. E os metadados ali ele consegue inserir todos os dados dele pessoais na imagem. Então se ele tiver algum eventual problema ao longo da vida dele, ele tem como comprovar que aquela foto, que aquela imagem é dele. Porque aquela imagem está criptografada com os dados dele. Sim. Super importante

Entrevistadora: Maravilhoso e super importante.

Entrevistadx: Sim. De fato aquele aquela imagem tem um autor e você consegue comprovar isso, se você entendeu. E aí a gente consegue perceber que imagem, ela é documento, ela é certeza, ela é documento. E aí quando você entende que a imagem é documento, você consegue também perceber o aluno. Consegue perceber a importância da imagem na história do mundo, na história, enfim... de tudo desde desde a sua essência, desde os seus primórdios, entendeu? E ela também consegue perceber que a imagem, ela precisa ser cuidada, né? E que esse acervo precisa ser cuidado. É tratamento, né. O tratamento dos dados é um documento. Então... enfim... Olha eu viajando, né. Literacia de Dados. Olha como é que é importante o letramento. Porque eu comecei a resposta dizendo que eu não sabia muito bem, mas conforme a gente vai falando sobre assunto eu vou entendendo ao longo dessa entrevista que dados... sim eu entendo sim! Que eu faço isso com os alunos o tempo todo.

Entrevistadora: você já faz é na prática. Você pode criar sua própria definição, considerando o seu ponto de vista.

Só tem duas perguntas para fechar essa parte. A quinta pergunta é como você pensa que os os usuários da nave são afetados pela falta de conhecimento e visão crítica sobre dados?

Entrevistadx: Eu acho que eles são afetados positivamente.

Entrevistadora: Não. A pergunta é como você pensa que os usuários são afetados pela falta do conhecimento e visão sobre dados?

Entrevistadx: Ah entendi. A a falta do conhecimento é um problema, né. É um problema total geral, principalmente do povo brasileiro, que perece por conta da falta de conhecimento. E aí, quando eu falo de conhecimento, to falando de conhecimento geral. Não tô falando só de dados, mas quando entra na questão de dados piora a situação, porque imagina, existe um percentual muito grande de população que não tem uma certidão de nascimento. Não tem uma caderneta de vacinação.

Oercebe o quanto esse problema é um problema muito maior? Muito maior do que aquilo que a gente compreende? Eu recebo aqui alunos que, tipo assim... meu Deus... precisa de muito, né. Que só um curso na nave obviamente vai fazer diferença, mas não é só isso, né. Precisa ampliar a visão sobre as coisas. Precisa ampliar total. E aí isso não é um problema.

Existe também um conhecimento que é um conhecimento exorbitante religioso. Isso atrapalha muito. As pessoas estão perecendo por conta da religiosidade. A religiosidade fecha o pensamento crítico da pessoa. Isso é um problema. E como está relacionado aos dados, cara? Eu não acho que esteja relacionado diretamente, tá? Mas isso prejudica. Não acho que esteja relacionado diretamente a dados. Não eu tô falando de forma geral, tá? A gente recebe muito aluno que tem um um domínio religioso muito forte sobre a vida. E aí quando a gente vai trabalhar a informação. Quando a gente vai trabalhar o conhecimento, sabe... a mente é extremamente fechada. Então muitos desses alunos não sabem nem quais são seus direitos e seus deveres diante da sociedade, perante a sociedade. né.

Tem uma questão também, por exemplo, as eleições. Polarização e dentro das favelas. Ela é muito maior do que na sociedade em geral. Dentro das favelas o negócio é muito mais complicado, porque geralmente ela tem um pastor que tá replicando ali o o que a igreja acha que é certo. E aí a pessoa acha que aquilo é verdade porque o pastor dela que tá falando. E aí ela vai levar isso pro resto da vida. Isso aprisiona a pessoa.

Eu vou falar uma parada muito pessoal para você.

Entrevistadora: Assustou agora. Pensei que você fosse embora.

Entrevistadx: [trecho suprimido]

Às vezes você tá enxergando coisas que ela não tá eh conseguindo enxergar mais. E aí é porque o conhecimento ele liberta. Isso é difícil. É muito difícil lidar com isso, porque as outras pessoas elas muitas vezes elas não vão entender.

Entrevistadora: Sim. Exato.

Entrevistadx: Elas não conseguem porque elas não tiveram a visão que você tem. Elas vão precisar obter aquela visão para poder.... Eu não vou dizer para você que eu sou a inteligente, fodona, gostosona, que sei tudo. Não. Eu tô aprendendo. Eu tô em constante aprendizado.

Entrevistadora: consegue já enxergar algumas diferenças entre as coisas. Comparar, contrastar.

Entrevistadx: entrar na faculdade de comunicação foi um divisor de águas na minha vida como comunicadora.

Entrevistadora: Você precisa enxergar esse tipo de coisa, senão você vai ser uma comunicadora parcial.

Entrevistadx: exatamente. Eu não posso. Foi um divisor de águas na minha vida. Estar como estudante dentro da USP tá sendo outro divisor de águas na minha vida. Eu tô estudando dados, que legal. Eu inclusive tive duas aulas de como é que se fala? "Data Science, Ciência de dados.

Entrevistadora: isso. Ciência de dados. Que legal.

Entrevistadx: Para mim é um universo novo. Os cabelos tem hora que vou arrancar.

Entrevistadora: mas é assim mesmo. Daqui a pouco tá dando aula pro pessoal aí também sobre isso.

Entrevistadx: mas eu agradeço ao universo a oportunidade e agradeço a mim também de me colocar nessa oportunidade mesmo, para aprender, correr atrás disso, aprender e inserir isso na minha vida. Porque eu entendo que isso é essencial.

Entrevistadora: então, dentro dessa sua experiência que você tá adquirindo agora, das respostas que você deu nesse bloco sobre dados, quais seriam as ideias, sugestões, conselhos que você poderia me dar, para mim mesmo, com respeito à criação de oficinas para ensinar sobre a literacia de dados na Nave do conhecimento Nova Brasília, levando aí em conta que a literacia de dados é a alfabetização de dados, que são os primeiros passos para aprender lidar com dados de forma responsável e crítica

Entrevistadx: Eu vou deixar um conselho e eu vou também te parabenizar tá pelo trabalho de resistência que você tá fazendo. Porque é uma resistência sim. É uma resistência, sabe. Por que eu tô te falando isso. Porque não é todo mundo que tá interessado. Porque você entende que também existe uma questão de interesse. De, tipo assim, Ah... esse assunto aqui me interessa... Ah... esse daqui não me interessa, então eu não vou participar. Tem uma coisa também das pessoas, de tipo assim... ah vai agregar na minha vida? Será que vai ser legal? Se não é legal, eu não vou participar, entendeu? Então tem isso também. Então eu vejo você como um papel de resistência dentro daquilo que você atua, porque não é a sociedade inteira não, tá? Não tá aberta para isso a sociedade inteira. Também... E aí eu generalizo. A maioria das pessoas não querem saber o que que é dados. Ah, tá. Que que é isso? Vai pagar minhas contas? É bem isso, entendeu?

Entrevistadora: Vai pagar, né. Pior de tudo é isso. Pode ser...

Entrevistadx: Exatamente. Mas a pessoa não tem essa percepção. Então você chegando com o seu trabalho é um papel de resistência. De persistência. É um papel de muita perseverança. Então eu parabeno, entendeu? Porque você é uma profissional que tá preocupada, né. Em levar conhecimento que venha mudar a vida da pessoa a partir dos dados. Então, o seu trabalho é um trabalho muito essencial e o que você tá fazendo com certeza é um trabalho de formiguinha, né. Mas é um trabalho que, cara vai te trazer resultados, entendeu? Já está te trazendo resultado. Isso é perfeito. Já tá trazendo de certa forma, entendeu? Já tá trazendo resultados, já tá transformando a vida de pessoas.

Então assim... eu não participei da oficina de sábado. Eu tava ali olhando a galera produzindo, sabe? A galera de fato efetivamente trabalhando, pensando, né. Isso é muito bom cara. Isso é transformador [suprimido]. É algo que foi muito bom e foi muito bom para mim estar ali dentro da sala com vocês. Para mim também foi uma coisa diferente, né.

[suprimido] eu lembro também de uma oficina que você deu aqui com as crianças que tratava dos dados relacionados à primeira infância delas. Que é algo muito importante, né. Essas crianças estão crescendo, elas estão aprendendo a viver, estão aprendendo o que é o mundo. Aí eu lembro da folhinha de papel e elas e elas pintando com a cor, né. A partir das perguntas que vocês faziam. Quem tem cachorro, quem tem gato. E ali elas vão identificando. Aquilo foi muito legal, né. Me fez lembrar também da minha infância; Me levou para esse lugar. Me fez lembrar da minha professora, dos meus amiguinhos de infância, porque na minha época não tinha essa coisa de colônia de férias. Eu passava as férias de outra maneira. Então isso é muito importante. É muito legal essas oficinas.

O que eu deixo de conselho para você aqui é que a gente tem esses problemas, essas questões, mas que você não se dê por vencida, sabe. Porque vai haver situações onde a gente não vai conseguir encher a sala. Acho que a gente vai fazer do mesmo jeito né vai ter situações onde de fato eh vão vir questionamentos que vão te desafiar. Mas que desses desafios você encontra as respostas necessárias para você continuar.

Entrevistadora: Com certeza.

Entrevistadx: e eu acho que eu acho que o conselho que eu deixo é não desista. Continua, porque o seu trabalho ele tá sendo um trabalho muito essencial e que já tá fazendo mudanças. Você tá trazendo de fato um conhecimento que é necessário, principalmente dentro das favelas. E que independente da quantidade de pessoas que a gente tenha dentro de uma sala você vai efetuar o seu papel de qualquer maneira. Então, o meu conselho é continue perseverando

Entrevistadora: obrigada